Fundado em 1864, o seu Arquivo é Tesouro Nacional

Diário de Notícias

www.dn.pt / Quarta-feira 28.8.2024 / Diário / Ano 160.º / N.º 56 741 / € 1,50 / Direção interina Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos)

ESTRANGEIROS TRIPLICARAM INVESTIMENTO DIRETO NO IMOBILIÁRIO NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS

BANCO DE PORTUGAL Holanda e Luxemburgo estão entre os principais países de origem do investimento estrangeiro, mas os dois centros financeiros são usados também por outros países por oferecem discrição e grandes vantagens fiscais.

PÁG. 15

MÁRIO LÚCIO SOUSA

ESCRITOR, MÚSICO E ANTIGO MINISTRO DA CULTURA

"NÓS NÃO SOMOS SÓ CABO-VERDIANOS FECHADOS NO NOSSO UMBIGO, SOMOS CRIOULOS DO MUNDO"

PÁGS. 10-12

LEONARDO NEGRÃO

PS
Academia com foco na disputa autárquica atrai independentes
PÁGS. 4-5

PSD
Bugalho acusa Pedro Nuno Santos de não estar "apto a liderar um partido na Europa"
PÁG. 6

Diplomacia
Em clima de tensão regional, EUA e China esperam ter conversações produtivas
PÁG. 17

Telegram
Pavel Durov, o libertário com a chave para abrir segredos russos
PÁG. 18

VENEZA 81
TIM BURTON ABRE UM FESTIVAL COM ESTRELAS POUCO FALADORAS
PÁGS. 26-27

QUESTIONÁRIO DE PROUST DO CHATGPT

NELSON MARQUES

ESCRITOR E CRONISTA

"SE FOSSE POSSÍVEL VIAJARIA PARA OS MEUS SONHOS. AINDA É O MUNDO MAIS FASCINANTE QUE CONHEÇO"

PÁG. 14

EXCLUSIVO *THE NEW YORK TIMES*
OS MENONITAS FAZEM DA AMAZÓNIA A SUA CASA
PÁGS. 20-21

MARCO GARRO / THE NEW YORK TIMES

Até ver...

Rui Frias
Editor do Diário de Notícias

Ontem já era tarde

Como quem segue minimamente o fenómeno saberá, é prática comum, nas conversas de adeptos de futebol, "agradecer-se" uma derrota num jogo-teste antes de uma grande competição, quase como se de uma bênção se tratasse. "Antes agora do que quando for a sério", porque "assim ainda vão a tempo de acordar" e podem "retificar os erros para estarem prontos para as decisões", são desculpas repetidas, seja por real crença no processo ou mera vontade de continuarmos a iludir-nos com a ideia de que algo vá mesmo mudar.

Noutros campos do dia a dia, no entanto, essa faculdade de agendar jogos-teste para projetar em condições reais os grandes e definitivos eventos que nos hão de surgir pela frente não é assim tão simples de gerir. Por muitos simulacros que possamos fazer de incêndios, acidentes ou sismos de grande magnitude, nada nos prepara para isso com o grau de realismo de um frango cometido pelo guarda-redes no último amigável de preparação para o Campeonato do Mundo. E, no entanto, quando a altura chegar, não haverá nada mais terrível do que falhar por culpa própria, num cenário em que nem o comportamento exemplar é garantia de sobrevivência.

Sabemos que somos culturalmente de trancas à porta após casa roubada, de um deixa andar que logo se vê, num misto de resolução chico-esperta e fezada na Virgem que nos vai movendo ao estilo avestruz, cabeça na areia, a rezar para que não se passe nada. É assim que nos temos comportado em relação ao risco sísmico no país.

E não é por falta de aviso. Ele está por demais conhecido e identificado, os especialistas tratam de alertar repetidamente para a necessidade de nos prepararmos e há esse Terramoto de 1755 como prova gritante de um risco factual de proporções bíblicas.

Naquela altura, com a tragédia cravada nas ruas, a reconstrução pombalina encheu-se de brio, à luz da melhor "tecnologia" da época, e dela emergiram as icónicas Gaiolas pombalinas que ficaram como traço identitário do renascimento urbanístico de Lisboa, estruturas de madeira em forma de enormes gaiolas de pássaros compostas por elementos verticais, horizontais e cruzados que davam uma resistência sísmica adicional aos edifícios. Ao que consta, no Terreiro do Paço terão sido até montados grandes estrados onde se pousavam estruturas de gaiolas pombalinas cuja resistência era testada por soldados a bater com martelos na base, para simular um sismo, num teste de pré-época que permitiu afinar a tática de engenharia.

Hoje, no entanto, já lá vão quase 300 anos e o grande terramoto reside na memória coletiva apenas como mais um capítulo dos manuais de História, algo quase tão mitológico como o *Adamastor*, que engolia as caravelas nas *Tormentas*.

As gaiolas pombalinas já deram lugar, a maioria delas, a amontoados de novas paredes e divisões a chamar por desgraça, em construções ou reconstruções desregradas ao longo de décadas.

As "novas" leis de construção antissísmica vigoram desde 1983, mas os próprios especialistas duvidam que sejam praticadas a sério e a fiscalização é inexistente. E mesmo que o fossem, dados divulgados no ano passado mostram que quase 68% dos edifícios da Área Metropolitana de Lisboa foram construídos ainda antes de existir legislação de proteção sísmica eficaz. Aliás, nem os próprios edifícios de hospitais, bombeiros e outros serviços de emergência estão devidamente preparados para um sismo de grandes dimensões.

E a literacia da maioria da população sobre o assunto não passa de um simulacro feito de esguelha na empresa, só para que esta receba o visto legal obrigatório.

Portanto, se o sismo desta segunda-feira serviu para despertar consciências sobre um evento maior que voltará a chegar, não o desperdicemos. Nem gastemos o foco no acessório, com polémicas forçadas, como a do alegado atraso de um aviso da Proteção Civil.

Como ontem sublinhava o geólogo Martim Chichorro aqui neste jornal, devemos querer é que a população esteja devidamente informada sobre como atuar em situações destas, sem precisar de ficar à espera de qualquer notificação. Como devemos querer que as regras de construção antissísmica nos edifícios sejam devidamente seguidas e fiscalizadas. Como devemos exigir que o Estado seja o primeiro a dar o exemplo nas obras da sua responsabilidade, em hospitais, creches, escolas, quartéis de bombeiros. Como devemos questionar por que razão não avança a tão pertinente certificação sísmica dos edifícios (à semelhança da certificação energética), reclamada há anos pelos engenheiros. Como devemos incomodar-nos com o simples facto de não termos, sequer, uma cartografia detalhada das zonas de risco sísmico no país, segundo denunciou Chichorro na mesma entrevista ao DN.

Felizmente, este nem foi um jogo-teste brutal, daqueles que deixam goleadas difíceis de sarar até ao desafio a sério. Foi, acima de tudo, um alerta útil para que não desperdicemos mais tempo de preparação a partir de agora. Há muito para melhorar. E ontem já era tarde.

OS NÚMEROS DO DIA

2400

VAGAS PARA INTERNATO MÉDICO
O Governo voltou a fixar este número máximo na formação geral em 2025, o mesmo contingente dos últimos dois anos, segundo o despacho ontem publicado em *Diário da República*.

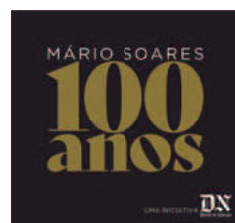
41

CÂMARAS
de videovigilância foram ontem ligadas em Faro, num novo sistema se segurança operado pela PSP durante 24 horas por dia. As câmaras estão instaladas nos 32 locais de maior afluência de cidadãos e de trânsito da capital algarvia.

100

LOCALIDADES DE KURSK
controladas pela Ucrânia, garantiu ontem o Governo de Kiev. São 1294 quilómetros quadrados na região fronteiriça russa e 594 soldados inimigos capturados desde o início da ofensiva, há três semanas.

8,4

MILHÕES DE €
É o valor que a Câmara da Figueira da Foz, no distrito de Coimbra, vai investir na requalificação da Escola Secundária Bernardino Machado, cujas obras devem ter início até ao final do ano, no que é considerado pela autarquia "uma vitória do concelho".

28.8.2024

Direção interina: Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Diretor de arte** Rui Leitão **Diretor adjunto de arte** Vítor Higgs **Editores executivos** Carlos Ferro, Helena Tecedeiro, Pedro Sequeira **Editor executivo adjunto** Artur Cassiano **Grandes repórteres** Ana Mafalda Inácio, Fernanda Câncio e Leonardo Ralha **Editores** Sofia Fonseca, Carlos Nogueira, Ricardo Simões Ferreira, Rui Frias, Filipe Gil e Nuno Fernandes **Redatores** Amanda Lima, Ana Meireles, César Avó, David Pereira, Isabel Laranjo, Isaura Almeida, Mariana de Melo Gonçalves, Rui Miguel Godinho, Susete Henriques, Susana Salvador e Vítor Moita Cordeiro **Revisão** Adelaide Cabral **Arte** Eva Almeida (coordenadora), Fernando Almeida, João Coelho **Digitalização** Nuno Espada **Dinheiro Vivo** Bruno Contreiras Mateus (Diretor) **Evasões** Pedro Lucas (coordenação) **Notícias Magazine** Inês Cardoso (Diretora) **Conselho de Redação** Ana Meireles, César Avó, Fernanda Câncio e Sofia Fonseca **Secretaria de redação** Carla Lopes (coordenadora) e Susana Rocha Alves **E-mail geral da redação** dnot@dn.pt **E-mail geral da publicidade** dnpub@dn.pt **Contactos** RuaTomás da Fonseca, Torre E, 5.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 515; Rua de Gonçalo Cristóvão, 195, 5.º – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100; Rua João Machado, 19, 2.ºA – 3000-226 Coimbra. Tel.: Redação: 961 663 378; Publicidade: 969 105 615. Estatuto editorial disponível em www.dn.pt. Tiragem média de Fevereiro 2024: 6 084 exps.

PS

Academia com foco na disputa autárquica atrai independentes

FORMAÇÃO Renovação do partido após oito anos de governação é um objetivo da *Academia Socialista*, que arranca hoje em Tomar. Abertura a novas figuras não impede que pesos-pesados do PS estejam entre os principais oradores que serão ouvidos até domingo por 80 jovens.

Depois de Évora (*na foto*) e da Batalha, a *Academia Socialista* vai decorrer este ano em Tomar.

TEXTO **LEONARDO RALHA**

A primeira *Academia Socialista* realizada desde que o PS deixou de governar Portugal arranca hoje em Tomar, com 80 jovens de idades compreendidas entre os 18 e os 30 anos na plateia, e uma das consequências dos novos tempos é o aumento do número de participantes que são independentes, acima da habitual dezena. Embora o deputado Miguel Costa Matos, secretário-geral da Juventude Socialista (JS), diga ao DN que, no passado, "vários tornaram-se militantes e dirigentes", prevendo que possa suceder o mesmo a alguns dos que estarão num evento que terá o ex-primeiro-ministro (e futuro presidente do Conselho Europeu) António Costa como cabeça de cartaz, na noite de sábado (*ver texto nestas páginas*).

Na 3.ª edição deste evento de formação política, que tem início quando a edição de 2024 da *Universidade de Verão* do PSD vai no terceiro dia, muda a liderança partidária, com Pedro Nuno Santos a encerrar os trabalhos, na tarde de domingo, e também as coordenadas GPS. Ao contrário dos sociais-democratas, que se fixaram na localidade alentejana de Castelo de Vide, Tomar sucede a Évora e à Batalha.

"Achamos que é útil e importante levar o evento aos quatro cantos do país", defende Miguel Costa Matos, sem esconder que o "entrosamento com os autarcas socialistas" consta entre os objetivos dessa itinerância. Hoje, na sessão de abertura, além do secretário-geral da JS, da eurodeputada Marta Temido e do ex-ministro Duarte Cordeiro – a quem volta a caber a coordenação da *Academia Socialista* –, um dos oradores será precisamente Hugo Cristóvão, que assumiu no final do ano passado a presidência da Câmara de Tomar.

Com as Eleições Autárquicas a surgirem no horizonte como o grande desafio político de 2025, partindo do princípio de que a Assembleia da República não volte a ser dissolvida, a *Academia Socialista* permitirá também mostrar aos jovens participantes – entre os quais "infelizmente ainda não é desta que existe paridade de género", observa Miguel Costa Matos – as "boas-práticas" dos protagonistas do "maior partido autárquico" de Portugal.

LEONEL DE CASTRO / GLOBAL IMAGENS

Ana Abrunhosa intervirá em Tomar sobre o tema da Coesão Territorial.

LEONARDO NEGRÃO / GLOBAL IMAGENS

Líder parlamentar do PS Alexandra Leitão estará no jantar de sexta-feira.

RITA CHANTRE / GLOBAL IMAGENS

Além de responsável pelo evento, Duarte Cordeiro falará sobre Ambiente.

IGOR MARTINS / GLOBAL IMAGENS

Autarca de Matosinhos, Luísa Salgueiro, tem a seu cargo política de habitação.

Também não é por acaso que entre os pesos-pesados socialistas que irão falar aos 80 jovens há potenciais apostas para alguns dos principais municípios nacionais. Na sexta-feira, poderão ouvir Ana Abrunhosa e Duarte Cordeiro falarem sobre Coesão Territorial e Ambiente, áreas que tutelaram em Executivos de António Costa, sendo Alexandra Leitão a convidada do jantar dessa noite. Abrunhosa é tida como a escolha de Pedro Nuno Santos para tentar reconquistar a Câmara de Coimbra ao centro-direita, enquanto Cordeiro – que se afastou de cargos públicos até ficar esclarecido o seu envolvimento na *Operação Tutti-Frutti* – seria o mais desejado para desafiar Carlos Moedas em Lisboa ou para manter Sintra depois do adeus de Basílio Horta, o que também poderá ser uma missão confiada à líder parlamentar socialista.

Perfis diferentes

Mesmo sendo o presidente do PS (e antigo presidente do Governo Regional dos Açores), Carlos César, o orador do jantar da primeira noite da *Academia Socialista*, Miguel Costa Matos garante que existiu o cuidado de "não encher o programa só com antigos membros do Governo e deputados". Algo particularmente evidente amanhã, pois a presidente da Câmara de Matosinhos (e da

“Entendemos que é importante o PS manter-se como um partido dialogante, no âmbito da esquerda e na sociedade”, diz o secretário-geral da JS, Miguel Costa Matos, referindo-se a uma ótica de “renovação do partido após oito anos de governação”.

Associação Nacional de Municípios Portugueses), Luísa Salgueiro, que irá falar acerca de políticas de habitação, será a única filiada entre os oradores.

Num dia iniciado pelo secretário-geral do Partido Socialista Europeu, o italiano Giacomo Filibeck, especialista em assuntos internacionais, o professor universitário Bernardo Pires de Lima, conselheiro do Presidente da República, dará uma aula de Relações Internacionais, Segurança e Defesa. E ao jantar será possível ouvir a antiga deputada bloquista Ana Drago, enquanto o socialista Augusto Santos Silva, ex-presidente da Assembleia da República, falará na manhã de sábado sobre o combate à extrema-direita no *Fórum Socialismo*, *rentrée* política do Bloco de Esquerda.

“Entendemos que é importante o PS manter-se como um partido dialogante, no âmbito da esquerda e na sociedade”, diz o secretário-geral da JS, referindo-se à necessidade, numa ótica de “renovação do partido após oito anos de governação”, de a edição deste ano da *Academia Socialista* incluir os “perfis diferentes” de algumas “pessoas com que queremos conversar e que têm algo para dizer aos nossos jovens academistas”.

Aposta nas *masterclasses*

Para sábado fica reservada a simulação de Assembleia da República em que os 80 participantes serão avaliados pelo vice-presidente do grupo parlamentar do PS, Pedro Delgado Alves. Procura-se um “momento de debate competitivo”, visando desenvolver competências no que toca ao debate de ideias e às técnicas de falar em público.

Uma das mudanças na edição de 2024 passa pela introdução de *masterclasses*, seja de improviso e criatividade nas organizações, ou de transformação de serviços com recurso à Inteligência Artificial. Aquilo que se pretende é reforçar o desenvolvimento das capacidades de comunicação e de liderança. E, observando os resultados dos participantes que estarão em Tomar, “acentuar o papel de recrutamento, procurando pessoas que se destaquem pela inteligência e pela capacidade de argumentação”.

“O que resulta desta nossa Academia é que produzimos quadros e identificamos talentos”, remata Miguel Costa Matos, num balanço dos dois últimos anos – embora o PS e a JS tenham tido outras iniciativas deste género, a *Academia Socialista* começa hoje apenas a 3.ª edição –, reiterando que muitos participantes se tornaram dirigentes de estruturas de um partido que, afastado do Governo da República e das duas regiões autónomas, permanece como a principal força autárquica de Portugal.

Pedro Nuno Santos fala apenas no último dia

O programa da edição deste ano da *Academia Socialista* encerra no domingo, com um discurso em que Pedro Nuno Santos quer marcar o novo ciclo político, que será marcado no imediato pela negociação com o Governo da Aliança Democrática da proposta de Orçamento do Estado para 2025, mas que também inclui as Autárquicas de setembro ou outubro do próximo ano e, poucos meses depois, as Eleições Presidenciais em que o PS tentará quebrar uma tendência de duas décadas de ex-líderes sociais-democratas no Palácio de Belém.

Com Luís Montenegro a ser o último a discursar no encerramento da *Universidade de Verão* do PSD, numa sessão que tem início marcado para as 12.00 horas, Pedro Nuno Santos vai ter de gerir bem os *timings* para garantir a “última palavra” num dia que marca mais uma estreia na sua atuação enquanto secretário-geral do PS.

Apesar de o seu antecessor na liderança do partido, e principal responsável pelo maior ciclo de governação socialista, discursar na noite anterior, no PS não se antecipa que disso advenha uma pressão adicional para Pedro Nuno Santos.

“Aquilo que o secretário-geral do PS quererá anunciar sobre o novo ano político terá todo o interesse para os portugueses”, antecipa Miguel Costa Matos, com o deputado e secretário-geral da JS a considerar que Pedro Nuno Santos tem o trunfo de “contar com o partido unido e mobilizado para mostrar que as nossas propostas vingam e são importantes para as pessoas”. **L.R.**

António Costa pode falar ao mesmo tempo que a escolha para a Comissão Europeia

REGRESSO Presidente do Conselho Europeu vai jantar a Tomar no sábado, enquanto o PSD deve ter em Castelo de Vide sucessor ou sucessora de Elisa Ferreira.

A ida de António Costa à *Academia Socialista*, com o antigo primeiro-ministro e secretário-geral do PS a discursar enquanto presidente eleito do Conselho Europeu, pode resultar numa sobreposição de assuntos comunitários à hora de jantar de sábado. Ao mesmo tempo, em Castelo de Vide, a cerca de 120 quilómetros de Tomar, a *Universidade de Verão* do PSD tem prevista a presença de um(a) convidado(a)-surpresa que deverá ser a figura escolhida pelo Governo para integrar a próxima Comissão Europeia presidida por Ursula von der Leyen.

Sem mais considerações sobre a provável coincidência de temáticas nas iniciativas dos dois partidos, o secretário-geral da JS, Miguel Costa Matos, refere que, na medida em que António Costa foi primeiro-ministro durante mais de oito anos, e será agora presidente do Conselho Europeu, “o que ele tem a dizer sobre a Europa e Portugal é do maior interesse para os socialistas, mas também para o país”. E acrescenta: “Até em Castelo de Vide haverá muita gente interessada naquilo que António Costa diz.”

Com a sua posse como sucessor do belga Charles Martin marcada para dezembro, o ex-primeiro-ministro pode abordar no sábado as mais recentes afirmações do secretário-geral do PSD, Hugo Soares, que se insurgiu contra quem encontra parecenças entre a governação de Luís Montenegro e a de António Costa. Reagindo ao discurso de Rui Rocha na *rentrée* política da Iniciativa Liberal, na qual o atual Governo foi apresentado como “toranja, laranja por fora, mas rosa por dentro”, o também líder parlamentar social-democrata disse que ouvir tais comparações lhe causa “indignação”.

Quanto ao reencontro do atual secretário-geral do PS com o antecessor, Pedro Nuno Santos negou a ideia, há duas semanas, ao falar sobre a *Academia Socialista*, que esteja em causa uma reconciliação: “António Costa é um dos maiores do PS, foi primeiro-ministro e fui membro do seu Governo durante sete anos, trabalhei com ele sete anos, estive com ele desde o início na formação da solução de Governo muito importante para o país em 2015. Portanto, nós vamos recebê-lo na nossa *Academia Socialista* com muita saudade de o ter connosco, de ouvi-lo sobre a Europa e sobre o mundo, sobre aquilo que ele entender partilhar connosco.” **L.R.**

PAULO SPRANGER / GLOBAL IMAGENS

Pedro Nuno Santos e António Costa reencontram-se em Tomar.

Bugalho acusa Pedro Nuno Santos de não estar "apto a liderar um partido na Europa"

ESTABILIDADE O eurodeputado eleito pela AD, na sua intervenção na *Universidade de Verão* do PSD, elencou os amigos de Portugal, como Ursula von der Leyen, e destacou a posição estratégica e influenciadora do país na Europa.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

A intervenção do eurodeputado eleito pela AD, Sebastião Bugalho, na *Universidade de Verão* do PSD teve a Europa como mote principal, mas conseguiu agregar críticas ao líder do PS, Pedro Nuno Santos, e cumpriu o desígnio de reduzir a família política do Chega no Parlamento Europeu – o grupo Patriotas da Europa – a uma mera existência: "Não contam, não influenciam."

Tudo aconteceu ontem, no segundo dia da segunda *rentrée* social-democrata, que, como é habitual, decorre em Castelo de Vide, no Alentejo.

"Nós, portugueses, podemos ter alguma vantagem no meio da instabilidade dos outros", vincou o eurodeputado durante uma aula cheia de jovens, referindo-se à posição estratégica do país no contexto europeu.

De acordo com Sebastião Bugalho, se "existe instabilidade alheia", mais vale "tirar partido dela."

Para fundamentar a sua tese, o social-democrata enalteceu "a estabilidade" do "sistema político", que é visível, defendeu, de acordo com "as últimas eleições europeias."

"Os dois partidos fundadores da democracia [PS e PSD] tiveram mais de 30%, as forças europeístas elegeram, salvo erro, 17 dos 21 eurodeputados", sublinhou, acrescentando que foram mantidos "os princípios fundacionais da nossa democracia: O europeísmo, o liberalismo, os nossos princípios constitucionais."

Para além desta vantagem, que Sebastião Bugalho disse ser própria de Portugal, há outra: "Neste momento, há uma sensibilidade que é portuguesa e pró-portuguesa na União Europeia."

O social-democrata, para sustentar esta ideia, lembrou que "a presidente da Comissão Europeia [Ursula von der Leyen] é uma amiga de Portugal", considerando que, "quando tomou posse na sua reeleição", fez "uma referência discreta ao 25 de Abril, falando de cravos em espingardas. A presidente da Comissão Europeia gosta de Portugal, veio ao encerramento da campanha da Aliança Democrática em Portugal", destacou.

Sebastião Bugalho deu ontem uma aula a jovens na *Universidade de Verão* do PSD.

FACEBOOK DA UNIVERSIDADE DE VERÃO DO PSD

Por oposição à estabilidade da democracia portuguesa, Sebastião Bugalho evidenciou a instabilidade de outros países. "Quando olham para a Alemanha, quando olham para a Holanda, não existe esta estabilidade do ponto de vista democrático", sustentou, advertindo que "os sistemas partidários ou políticos estão espartilhados, estão fragmentados. Há uma ascensão de partidos extremistas, contestatários desse regime constitucional de cada país. Vemos isso em França. Vemos isso na Alemanha, que precisa de uma coligação a três para conseguir governar", explicou.

"Em Portugal isto não acontece", afirmou, apontando como sintoma desta ideia o facto de o Chega, "a força mais à direita do hemiciclo" português, ter reduzido "para metade a sua votação" nas eleições europeias, em março, face às legislativas.

Por oposição, "o maior grupo político [no Parlamento Europeu, o maior partido na Europa neste momento, foi, aliás, a única família na Europa que cresceu, das famílias europeístas. A única que ganhou eurodeputados foi o PPE [Partido Popular Europeu]", a família política do PSD e do CDS.

Sebastião Bugalho elencou o número dos deputados eleitos para o PPE e sublinhou que é neste grupo que "se decidem as coisas" na Europa.

Em relação ao grupo que o Chega passou a integrar este ano, Sebastião Bugalho teve uma palavra de desvalorização. "Nesses grupos políticos e nesses partidos não se decide nada na Europa. No grupo da senhora Le Pen e do senhor Orbán não se decide nada na Europa. Não têm presidentes de comissão, não têm presidentes de delegação. Têm 84 eurodeputados, é verdade, mas não se decide nada, não contam, não influenciam. Existem. Eles nem sequer ligam muito àquilo", rematou.

Quanto ao PS, as críticas mudaram de tom para o eurodeputado, começando logo por afirmar que, apesar de não concordar "com os nove anos da sua governação", o ex-primeiro-ministro, António Costa, é "obviamente amigo de Portugal", agora na qualidade de presidente eleito do Conselho Europeu.

Para construir a crítica, Sebastião Bugalho lembrou as palavras de Pedro Nuno Santos, "o líder do segundo maior partido português", quando afirmou que "António Costa é o primeiro presidente do Conselho Europeu com peso político", "esquecendo-se que António Costa estará sentado no Conselho ao lado do senhor Donald Tusk que foi Presidente do Conselho Europeu e acabou de tirar a extrema direita no poder na Polónia coligado com socialistas e progressistas polacos."

"Não leu os jornais? Esqueceu-se? Não se apercebeu?", questionou o eurodeputado de forma retórica, apontando que "nenhuma das três [hipóteses] seria um bom sinal para alguém que tem de liderar o segundo maior partido português. Nenhuma das três seria um sinal de alguém apto a liderar um partido na Europa dos dias de hoje."

vitor.cordeiro@dn.pt

PS cola direita à aprovação do OE

O secretário-geral do PS, Pedro Nuno Santos, garantiu ontem que não foi sondado pelo PSD para negociações em torno do Orçamento do Estado. "O Governo não parece preocupado com um Orçamento entregue daqui a pouco mais de um mês", vincou. Para o líder do PS, "o Governo parece estar muito mais preocupado em usar a boa situação orçamental que herdou do PS para fazer campanha do que procurar negociar de forma ativa, séria e responsável com os partidos para assegurar a aprovação do orçamento."
Para além disto, continuou, "a direita é maioritária em Portugal, por isso a responsabilidade maior no que diz respeito ao orçamento é da direita."

TIAGO PETINGA / LUSA

Paulo Raimundo, com uma comitiva do PCP, visitou o recinto da *Festa do Avante!*, na Quinta da Atalaia.

Raimundo não se afasta da corrida às Presidenciais

CONSTITUIÇÃO O líder do PCP afirmou que a lei fundamental não tem sido cumprida, porque o acesso ao SNS deveria ser para todos.

TEXTO **VÍTOR MOITA CORDEIRO**

A uma semana e meia da *Festa do Avante!*, o secretário-geral do PCP, Paulo Raimundo, visitou o local onde vai decorrer a maior festa partidária em Portugal e, questionado sobre as Presidenciais, previstas para 2026, deixou uma certeza sobre o candidato comunista na corrida a Belém: terá "o perfil de alguém que tem numa coisa – e desculpem estar a simbolizar assim –, que é um livrinho pequenino que se chama Constituição da República Portuguesa, o programa político para cumprir e fazer cumprir", explicou.

Sobre se ele próprio pondera assumir essa função, Raimundo não afastou a possibilidade, admitindo que se imagina a desempenhar "todos os papéis que forem necessários para ajudar o povo e os trabalhadores".

No entanto, continuou o líder comunista, esse debate ainda não se impõe. "Eu sei que estamos no verão, isto tudo é notícia, tudo ganha dimensão de notícia no verão. Umas boas. Infelizmente, outras más. Mas eu acho que quem está a querer puxar para agora o debate das Presidenciais é, vá – aqui para nós que ninguém nos ouve –, um bocadinho fuga para a frente. O problema que nós temos hoje não são as Presidenciais", considerou, antes de apelar ao debate sobre aquilo que diz importar, ou seja, "os baixos salários, as baixas reformas e o drama do acesso à habitação".

Para o líder comunista, os portugueses "estão longe das Presidenciais e os problemas das pessoas estão profundamente desligados desta pressão e desta chantagem, que já está aí e vai acentuar-se, da chamada instabilidade política".

Recuperando o tema que lançou, sobre os problemas que afligem as pessoas, Paulo Raimundo defendeu que é "uma evidência" que a Constituição não tem sido cumprida e que, sintoma disso, é o acesso ao Serviço Nacional de Saúde (SNS), que deveria ser para todos e não que "se pegue em metade do Orçamento do Estado para o SNS e se entregue ao setor daqueles que fazem da doença um negócio, o setor privado".

> Paulo Raimundo admite disponibilidade para "todos os papéis que forem necessários para ajudar o povo e os trabalhadores".

"Conhecemos todos as questões do SNS, o acesso ao SNS, de toda a gente, mas em particular das grávidas. Estamos aqui na Margem Sul: no próximo sábado não há uma Urgência que esteja aberta na Península de Setúbal", sustentou o líder comunista na Quinta da Atalaia.

Questionado sobre em quem votaria – Kamala Harris ou Donald Trump – se tivesse de se pronunciar nas Eleições Presidenciais norte-americanas, previstas para 5 de novembro, Paulo Raimundo não hesitou em afirmar que nenhum dos dois responde aos problemas.

Para o líder do PCP, o candidato ideal seria "um promotor da paz". Para além disso, continuou, não há só dois candidatos. "Não os conhecemos, mas um dia vamos falar neles", avisou.

Com LUSA

Summer CEmp: há sete anos a aproximar a UE dos jovens e das comunidades locais

INICIATIVA Até sábado, Miranda do Douro acolhe Escola de Verão da Representação da CE em Portugal. Marcelo, Rangel e Vitorino em sessões abertas.

TEXTO **SUSANA SALVADOR**

O futuro da União Europeia, desafios de Defesa e Segurança, mas também o impacto do financiamento europeu para as comunidades locais ou a proteção ambiental. Estes são alguns dos temas que serão abordados na 7.ª edição da Escola de Verão da Comissão Europeia em Portugal, conhecida como *Summer CEmp*, que começa hoje em Miranda do Douro. Uma iniciativa que junta 40 jovens universitários a muitos oradores e à comunidade local, com espaço para momentos culturais e sessões abertas ao público.

"O objetivo do *Summer CEmp* é aproximar a Europa dos jovens e das comunidades locais, principalmente aquelas que estão longe dos principais centros urbanos e onde nem sempre se fala ou se discute ou se debate a União Europeia", disse ao DN a representante da Comissão Europeia, Sofia Moreira de Sousa.

"Uma das razões do sucesso desta iniciativa, é que os jovens ficam a conhecer o local onde estamos, a sua história e o contexto também socioeconómico da região, e as pessoas da região são convidadas a participar em algumas das sessões abertas", acrescentou.

Estas sessões abertas decorrem nos chamados *Diálogos ao Pôr do Sol*. O convidado de hoje será o Presidente Marcelo Rebelo de Sousa e amanhã será o ministro de Estado e Negócios Estrangeiros, Paulo Rangel. Na sexta-feira, será o antigo comissário europeu e presidente do Conselho Nacional para as Migrações e Asilo, António Vitorino.

Haverá ainda música com Kátia Guerreiro e os Galandum Galundaina, além de um arraial tradicional com os pauliteiros. Os jovens participantes farão ainda um *workshop* de língua mirandesa.

"Vamos cobrir uma série de temáticas que vão desde a proteção ambiental à sustentabilidade, o impacto dos financiamentos europeus para as comunidades locais, mas também de competitividade, de inovação, da democracia e justiça social", explicou Sofia Moreira de Sousa. "Tentamos adaptar os temas debatidos ao contexto em que vivemos, portanto obviamente que também iremos falar de Defesa e de Segurança, arquitetura institucional, governação europeia, e o futuro da UE, nomeadamente no que diz respeito à cooperação internacional e ao processo de alargamento", concluiu.

DR/REPRESENTAÇÃO DA COMISSÃO EUROPEIA EM PORTUGAL

O evento do ano passado, em Ponte da Barca.

Opinião
Luís Newton

Eram rosas, senhor

A história de Lisboa nos últimos anos tem sido marcada por uma narrativa que mais parece tirada de um romance de contrastes.

De um lado, temos Carlos Moedas, o visionário que trouxe a inovação à capital como quem oferece pastéis de nata aos turistas. Do outro, o Partido Socialista, que, segundo alguns lisboetas, plantou mais controvérsias nas ciclovias do que árvores nos jardins.

Importa reforçar a enorme atenção dada aos avós de Lisboa, sobretudo num período em que o Serviço Nacional de Saúde (SNS) está sob enorme pressão. Moedas apresentou e implementou dois importantes projetos para dar resposta aos lisboetas.

Por um lado, o Plano de Saúde *Lisboa 65+*, um dos projetos emblemáticos da gestão dos Novos Tempos, destinado a fornecer cuidados de saúde gratuitos para cerca de 130 mil lisboetas com mais de 65 anos. O plano inclui teleconsultas 24 horas por dia, assistência médica ao domicílio, transporte em ambulância e consultas de várias especialidades, como oftalmologia e estomatologia. Além disso, cobre medicamentos e oferece próteses dentárias e óculos a idosos vulneráveis, como os beneficiários do Complemento Solidário para Idosos.

Por outro lado, o projeto *Clínicas Lisboa + Saúde* tem como objetivo oferecer cuidados de saúde básicos e gratuitos, aliviando a pressão sobre o SNS e garantindo que mais pessoas tenham acesso a consultas e tratamentos, foi implementado em bairros onde há uma grande carência de médicos de família. Um exemplo é a nova clínica inaugurada no Lumiar, que serve uma população de 37 mil pessoas, das quais 27 mil não têm médico de família.

Para a implementação dos projetos de saúde, a Câmara Municipal de Lisboa tem estabelecido parcerias com entidades como a Administração Regional de Saúde de Lisboa e Vale do Tejo, a Faculdade de Medicina Dentária da Universidade de Lisboa e a Associação Nacional de Farmácias.

Estas colaborações, despojadas de ideologia, mas centradas na resposta às pessoas, permitem uma integração mais eficaz dos serviços de saúde e um maior alcance entre os lisboetas.

Mas não é só na Área da Saúde que os contrastes se fazem notar.

Na mobilidade, o projeto de transportes públicos gratuitos em Lisboa, lançado por Moedas, visa promover uma mobilidade mais sustentável. Este programa oferece transporte público a determinados grupos da população, como jovens, estudantes e idosos, com cerca de um em cada seis lisboetas já a beneficiar desta medida.

Por isso vejo com espanto um certo socialismo vir pregar que nada de novo há em Lisboa, o que me leva a recordar *Os Maias*, que retrata a alta sociedade lisboeta do final do século XIX, que Eça via como decadente e ilusória, escondendo tragédias e contradições profundas, certamente aplicável ao socialismo dos dias de hoje.

Contradições como recusar a instalação de hotéis sociais em algumas freguesias, para acolher os mais vulneráveis dos vulneráveis, já que todas as freguesias de Lisboa deveriam ter estes equipamentos, num exercício exigível de acolhimento e integração. Mas, na realidade, os socialistas são responsáveis pelo maior desapoio de sempre, que fez, em pouco tempo, aumentar em 25% a população em situação de sem-abrigo na cidade de Lisboa.

As rosas que representavam algo novo e promissor murcharam, tal como a trágica governação socialista da cidade de Lisboa.

Se os socialistas que hoje criticam tudo o que é feito, bem como aquilo que os próprios foram incapazes de fazer em 14 anos, não hibernaram, então certamente meteram a cabeça na areia durante todo esse período, aparecendo agora, sem pudor, mas também sem compreender que a cidade que abandonaram seguiu em frente e está melhor assim.

Perante esta postura de crítica destrutiva e oposição socialista, a que juntam novas promessas e ilusões deixadas às portas dos Lisboetas, como uma versão revisitada do cavalo de madeira deixado pelos gregos como presente durante a Guerra de Tróia, na *Eneida*, podemos adaptar a imagem e alertar: "Cuidado com os socialistas que trazem presentes."

Presidente da concelhia do PSD de Lisboa

Opinião
Jorge Costa Oliveira

Vão morrer longe

O Governo israelita não está interessado na paz, não quer um acordo para libertar reféns e acabar com a guerra em Gaza, nem quer desescalar o conflito ali ou no norte, com o Hezbollah. Netanyahu e os radicais judaicos seus aliados trabalharam durante décadas para eliminar a *Fatah* e apoiaram a criação do monstro que é o Hamas, apostando na radicalização e polarização da "questão palestiniana". Netanyahu e o seu Governo de radicais, para quem uma "solução de dois Estados" é anátema, aproveitam o massacre do 7 de Outubro para promover a guerra em busca da "vitória total".

Além disso, Netanyahu quer desesperadamente permanecer no cargo, para evitar que o processo judicial de corrupção contra ele continue e leve à sua [provável] condenação.

As lideranças palestinianas estão hoje radicalizadas e continuam a recusar uma "solução de dois Estados". Preferem continuar a batalhar pela destruição de Israel, a educar os filhos para "o martírio" e a criar milícias terroristas.

A presente liderança do Irão financia movimentos terroristas como o Hamas, o Hezbollah, o AnsarAllah, num pano de fundo de crescente impopularidade do regime teocrático. Um inquérito do Gamaan, de fevereiro de 2024, junto da população adulta iraniana, mostra que, num referendo onde se perguntasse: "República Islâmica: sim ou não?", apenas 16,5% dos inquiridos declaravam apoiar a manutenção de uma república islâmica; 74,6% dão resposta negativa.

"Nem Israel nem o Hamas nem o Irão querem a paz. Parte da opinião pública ocidental exige que se façam esforços nesse sentido, outra parte está farta deste peditório."

O assassinato, em Teerão, do líder do Hamas oferece o pretexto para a liderança iraniana cavalgar a retórica histriónica antiocidental, usando os inimigos externos como fator de relegitimação de um regime impopular, tentando desviar as atenções da repressão interna; mas cuidando de não dar origem a uma nova guerra que poderia aumentar ainda mais o descontentamento popular e ser fatal para o regime teocrático radical.

Curiosamente, no mesmo inquérito do Gamaan, também se perguntou aos inquiridos quem consideravam ser o principal responsável no conflito Israel-Hamas, com cerca de 35% culpando o Hamas como o principal responsável pelo conflito, 20% Israel, e 31% ambas as partes.

Nem Israel, nem o Hamas, nem o Irão querem a paz. Parte da opinião pública ocidental exige que se façam esforços nesse sentido, outra parte está farta deste peditório. O Governo americano, em vésperas de eleições, quer capitalizar para a candidatura Democrata um acordo qualquer – de tréguas, de cessar-fogo, *whatever* – com que possa esgrimir politicamente.

A radicalização e a polarização certamente continuarão a campear na política israelita e palestiniana. Em breve todos perderemos a pachorra para tanta excitação com o que não tem solução e queremos que as partes nesse conflito vão morrer longe.

Consultor financeiro e business developer
www.linkedin.com/in/jorgecostaoliveira

Mário Lúcio Sousa
"Nós não somos só cabo-verdianos fechados no nosso umbigo, somos crioulos do mundo"

LUSOFONIA Mário Lúcio Sousa publicou *O Livro que me Escreveu* (D. Quixote), um pretexto para conversar com o antigo ministro da Cultura de Cabo Verde, também músico, sobre a coexistência do português e do crioulo, o arquipélago como terra de miscigenação e a "invenção" de um país.

ENTREVISTA **LEONÍDIO PAULO FERREIRA** FOTOS **LEONARDO NEGRÃO**

Tem uma carreira de músico, poeta, romancista. Quando fala deste *O Livro que me Escreveu*, que é o último livro que publicou em Portugal, está muito a falar das palavras. Para si, como cabo-verdiano, as palavras podem ser do crioulo, a sua língua materna, podem ser do português, a sua língua de educação, podem ser das outras línguas que aprendeu já adulto. Como é que as palavras e as línguas jogam na sua identidade?
Eu tenho muito respeito pela palavra e acho que uma das coisas mais belas que já se escreveu foi "No princípio era o verbo". Quando se estuda as religiões é a maior sacada metafórica da história da literatura. O cérebro não consegue pensar sem imagens, por isso existem tantas imagens de Deus e de santos para nos ajudar a conectar com o que nós queremos. O cérebro não tem essa capacidade, a não ser depois de muita prática meditativa quando se consegue, por breves instantes, estar nesse espaço do não criado e não findo. Ora, cada palavra carrega então a história do mundo e isso interessa-me muito. Eu carrego a minha história e carrego a história dos outros. Quando se nasce tem-se uma língua materna e depois tem-se o contacto com a língua que hoje é a língua oficial de Cabo Verde. Mais ainda, porque as palavras também são borboletas, são o final do processo da lagarta. Por exemplo, em Cabo Verde nós dizemos "parlamentarismo mitigado", é esse o termo, mas em crioulo é de morrer a rir porque "mitigado" significa uma pessoa muito pobre que não tem onde cair morta. Outro exemplo, a palavra "galante" em crioulo significa uma mistura de feio com ridículo, se se disser a uma pessoa feia ou mal vestida que está galante é muito ofensivo porque além de se dizer à pessoa que está feia estamos também a dizer-lhe que ela está ridícula. E porquê? Porque nos séculos XV, XVI, XVII, quando os senhores chegavam à missa na Ribeira Grande de Santiago, com aquele calorzão, vestidos com meias e penas e casacos, dizia-se que estavam galantes, ou seja podiam estar bonitos, mas eram também muito ridículos [*risos*]. Portanto, tenho muito interesse pela sociologia das palavras, pela história antiga das palavras e, às vezes, pela memória das palavras. Há palavras que viajam e vão perdendo o seu rasto.

> *"Essa questão em Cabo Verde não se põe, porque mesmo que se tire a língua oficial portuguesa, nós continuamos com uma língua em que mais de 90%, há livros que dizem que chega a ser 99%, do léxico vem da língua portuguesa."*

Sendo músico e sendo escritor, as palavras são diferentes quando são cantadas e quando são escritas?
São, porque as palavras são mais do que léxicos. O léxico é uma pertença de significado de cada língua, enquanto a palavra é uma entidade seja em que língua for. É como se dissermos, e por isso falei do verbo, Deus, aí estamos a falar do que os cristãos acham que é, do que os muçulmanos acham que é, do que os hindus acham que é. É engraçado porque nós em Cabo Verde usamos muito o termo literatura oral e a palavra vem de quando ainda não havia escrita.
A literatura oral existe sobretudo em crioulo?
Basicamente em crioulo. Quando não havia escrita como é que nós guardávamos a memória das coisas? Como é que poetizávamos e contávamos histórias e filosofávamos? Fazíamo-lo porque existia a palavra independentemente dos caracteres que nos ajudam a guardar essa palavra. Quando nós escrevemos em português tem uma pimenta, porque não nascemos a pronunciar ou a fazer frases nessa língua. O nosso contacto com a língua acontece aos seis anos e isso criou um novo universo linguístico com o léxico que nós já conhecíamos.
Pode haver choque, como com o exemplo que deu da palavra galante...
Aliás, só por isso a minha literatura, desde que escrevi o primeiro romance, é muito tendencialmente quinhentista, porque é a base da língua crioula. Os cabo-verdianos, às vezes, ficam com vergonha de falar crioulo...
Está a dizer que há quase um arcaísmo na sua escrita.
Exatamente, porque está tudo em crioulo, eu não invento. Por vezes tenho de explicar e já tive histórias em que a minha editora, que eu adoro, e jornalistas também, precisam dessa explicação. A Maria do Rosário Pedreira, que eu digo que me fez escritor, temos uma história muito bonita, pergunta-me se esta ou aquela palavra existem e eu respondo-lhe que vêm do português... O meu amigo Francisco Fontes, que foi delegado da Lusa em Cabo Verde, a quem eu mando os meus livros, também, perguntava. Agora, eu invento palavras a partir de uma sugestão sonora, por exemplo, neste livro eu digo "lumimoso", porque a palavra é luminosa, mas também é mimada, então isso cabe numa só palavra. "Lumimoso" ou "lumimosa" são invenções e isso faz parte.
Às vezes para um português como eu pode ser difícil de perceber, porque a minha língua materna é a minha língua de educação. Como é que um cabo-verdiano ajusta a sua identidade a estas duas línguas? Existe um debate sobre se o crioulo devia ou não ser a língua oficial, uma vez que a Constituição prevê essa possibilidade. Se os cabo-verdianos ficassem fechados no crioulo reforçavam a sua identidade, mas perdiam a abertura para o mundo?
Essa questão em Cabo Verde não se põe, porque mesmo que se tire a língua oficial portuguesa, nós continuamos com uma língua em que mais de 90%, há livros que dizem que chega a ser 99%, do léxico vem da língua portuguesa. O nosso crioulo é chamado crioulo de base lexical portuguesa. Não só estaríamos a falar uma língua que é evidentemente a nossa, com uma estrutura gramatical proveniente de línguas africanas, como o português continuaria ali. Ele está presente, por exemplo, nas canções,

a transferência das palavras está ali. No nosso caso, todos os escolarizados passam a ser bilíngues e esse bilinguismo é mais do que uma opção, ele torna-se, de certo modo, biológico. Porque o ensino ser feito na língua portuguesa e eu poder sair da escola e logo ali à porta começar a falar imediatamente em crioulo, o meu cérebro vai-se adaptando.

No dia à dia, a criança está na escola a falar com o professor em português, no intervalo vai falar com os amigos em crioulo e depois, quando chega à idade adulta, fala crioulo em casa e português no trabalho?

Sim, trabalha em português, escreve em português. O cérebro diz-me o seguinte: eu estou aqui, a olhar para as árvores e, de repente, sinto uma inspiração e pego na caneta. Se os primeiros versos vierem em crioulo, eu sei que é uma música e a minha biologia é que mo diz. Pelo contrário, todos os meus romances, sem exceção, começam com uma frase que cai do céu na língua portuguesa. O meu *Novíssimo Testamento* começava com essa frase que é a de uma senhora a morrer e a pronunciar as palavras. A primeira frase dos meus livros vem sempre em português.

O LIVRO QUE ME ESCREVEU
Mário Lúcio Sousa
D. Quixote
184 páginas
14,40 euros

Nesta dicotomia entre o crioulo e o português, as duas línguas podem evoluir paralelamente?

Essas duas línguas são usadas no geral, mas quando digo no geral não quero dizer toda a gente, no meio urbano é mais evidente, no meio rural o uso do português é menor. Nas nossas casas, e é por isso que eu digo que é biológico, o cérebro sabe as duas coisas, falamos com uma criança em crioulo, repetimos, a criança não escuta, não obedece, a terceira vez vem em português porque é uma língua de autoridade.

É um legado histórico?

É e é bonito isso. Nós dizemos à criança que está a brincar para se sentar em crioulo, ela não obedece, à segunda também não, aí dizemos em português "senta-te!" e a criança senta-se.

"Nós dizemos à criança que está a brincar para se sentar em crioulo, ela não obedece, à segunda também não, aí dizemos em português 'senta-te!' e a criança senta-se."

Cabo Verde é um país que se distingue muito em África de várias formas. Há uma muito positiva, que é ser uma democracia consolidada com alternância política. E também aquele lado de Cabo Verde que é ser admirado pelo *soft power*, a música, a cultura, a gastronomia. Como é que se explica esta especificidade cabo-verdiana? Vem do próprio processo de formação do país?

É o processo de formação, porque isso começa com uma situação que se criou para que o povo não tivesse identidade porque não havia população autóctone de referência. De repente chegam os portugueses e outros europeus, principalmente franceses, italianos, ingleses, que tiveram importância na formação do povo cabo-verdiano em diferentes ilhas, e chegam os judeus perseguidos pela Inquisição e depois pelo Estado Novo, que foram importantes. Antes, quando os europeus chegaram, trouxeram os africanos à força, homens, mulheres e crianças escravizados. Então, nascem as primeiras pessoas nas ilhas. Essas pessoas perguntavam-se quem eram, se aquelas ilhas onde estavam eram África ou Europa.

Mas a miscigenação demora a acontecer?

Evidentemente, mas repare que no caso de Cabo Verde, os escravos que nasceram nas ilhas, quando o Brasil foi descoberto já tinham 34 anos, já eram velhos demais. Portanto, foram os filhos desses escravos que foram enviados para o Brasil, e porque é que já eram cabo-verdianos crioulos? Porque eles eram filhos de mães africanas e pais portugueses em muitos casos. Eram escravos valiosos, muitos deles batizados, muitos deles trabalharam no que seria a sociedade cabo-verdiana e já estavam na mediação das línguas, portuguesa e africanas. Daí nasceu depois a língua crioula de Cabo Verde.

A identidade africana dos diferentes escravos que foram levados para as várias ilhas vai desaparecer muito rapidamente?

Desaparece porque não ficaram grandes comunidades. A música como é que surge? Dessa não identidade. A pessoa não sabia em que continente estava, não sabia que língua falar porque lhe era imposta uma língua, mas tinha referências de outra que lhe era proibida, no meio de vários instrumentos, europeus e africanos, não podia dizer que era só negro nem só branco porque o pai era branco e a mãe era negra. A pessoa não podia renegar a sua identidade. Aí acontece, mais do que a miscigenação, a criação de uma cultura síntese. Miscigenar está muito ligado ao conceito genético, enquanto a cultura síntese está ligada a uma opção social de sobrevivência. Tens de criar a tua própria língua, a tua própria música, para poder ter a mãe e o pai no mesmo contexto. Essa cultura síntese é a força da música de Cabo Verde. A nossa música tem características do continente africano, do continente europeu, tem uns traços da música arábico-andaluza que nos chegam também com os europeus, do que nos chega com os judeus e, mais tarde, com a passagem dos navios brasileiros por Cabo Verde. Tudo isso faz a nossa música. Ainda estamos em processo de conformação de uma cultura consolidada, mas segundo definições o crioulo é exatamente uma cultura dialética. Por isso eu não uso a palavra crioulidade, mas crioulização, porque estamos permanentemente em processo de transformação pois somos uma cultura de misturas.

Esta existência de uma diáspora cabo-verdiana na Europa, mas igualmente nos Estados Unidos e em África também contribui para a crioulização?

É evidente, interna e externa. Houve um momento em que a nossa música começou a ser conhecida em Portugal, ao de leve nos anos 1940, depois evoluiu, chegou aos Estados Unidos e a seguir tomou conta da Europa. Nós trouxemos essa música,

continua na página seguinte »

» continuação da página anterior

mas, de repente, começámos a receber a música da nossa diáspora, de Portugal, da Holanda e de França, que influencia no arquipélago a forma de fazer novas músicas. Há uma troca permanente. Há uma pincelada social no nosso percurso ligada à diáspora. Eu lembro-me sempre de a minha avó me dizer: O que é que há na costa de lá? Quando as pessoas emigravam diziam que finalmente podiam ir ver o que é que havia na costa de lá. Nós estamos muito ligados a querer saber o que é que há do lado de lá. Faz parte da nossa "existência" a ideia de visitar mundos e voltar.

Há algum país de África que tenha alguma semelhança com esta lógica cabo-verdiana ou é mesmo única?

Há, porque África também é diversa e múltipla. Se considerarmos Madagáscar, Seicheles, Reunião, Ilhas Maurícias... Ainda mais, tenho o meu conceito de que África, a partir de um certo momento da história, para além de ser um continente passa a ser um conteúdo. Isso para poder englobar os que não estão no continente, estamos a falar de Cuba, Haiti, Martinica, Santo Domingo, Nova Orleães... vai-se encontrar semelhanças no processo de formação dessa África toda.

Os africanos continentais olham para os cabo-verdianos como africanos ou acham que são qualquer coisa a meio do caminho da Europa?

Eu já escrevi isso no *Manifesto a Crioulização* sem nenhum tabu. Eles não nos acham muito africanos. Somos africanos na política, na filosofia, na forma como escolhemos ser africanos, um país independente acarinhado por África, por todos os regimes, por todas as instituições, por todos os Estados. Nós somos africanos. Essa é a minha opção e também é a minha crença, mas também já discuti com muitos africanos e tenho essa verdade em mim, a de que tenho de ter alguma delicadeza na minha afirmação africana. Na verdade, eu só tenho uma parte africana e, querendo ou não, a outra parte é europeia. Muitos cabo-verdianos têm avós, bisavós, trisavós, que vieram de Portugal e da Europa. Isso faz com que nós assumamos a cultura síntese da crioulização, aquilo que commumente se diz "o mestiço". Para mim, o crioulo é mais do que simplesmente a mestiçagem, mas faz parte. Nós, em relação ao continente africano temos um tratamento semelhante ao que temos na Europa. Quando estamos em África somos africanos, mas *non troppo* e quando estamos na Europa não somos europeus.

Em termos das ilhas, a miscigenação é transversal, mas esta crioulização de Cabo Verde é distribuída igualmente por todas as ilhas ou não?

É por todas as ilhas. Isso acontece por causa do percurso do povoamento. Isto é, se os portugueses tivessem povoado todas as ilhas simultaneamente talvez houvesse bastante diferença entre umas ilhas e outras. No entanto, eles povoaram a ilha de Santiago e é a partir daí que se dá o povoamento das outras ilhas. Portanto há sempre um núcleo que viajou com a língua, com os ritmos, com a música e com a miscigenação genética. Há outro processo, mais tarde, em que os cabo-verdianos debatem isso abertamente sem complexos. Há em Cabo Verde gente que diz que não é africana, mas nunca ouvi gente a dizer que era europeia. Essa coisa de dizer "não sou africano" é como dizer que não se é só africano. Havia intelectuais que diziam "não somos nem isso nem aquilo", eu digo que somos isso mais aquilo.

É possível dizer, por exemplo, que não existe a questão da raça em Cabo Verde, que qualquer que seja o tom da pele a pessoa é vista como um cabo-verdiano e ponto final?

Em Cabo Verde não temos essa questão, mas isso não quer dizer que não haja racismo, porque o racismo é uma questão de cada pessoa. A nossa sociedade não tem etnias, nunca tivemos etnias até hoje, portanto não temos assentamentos étnicos. Acabamos por criar uma identidade síntese que tem várias etnias e várias outras culturas dentro e isso reflete-se na política. Por exemplo, o primeiro presidente de Cabo Verde, Aristides Pereira, era, como nós dizemos lá, escuro, e o primeiro-ministro era assim parecido contigo. Depois vêm as primeiras eleições democráticas, ganha um presidente mais escuro que o primeiro, o António Mascarenhas Monteiro, e ganha um primeiro-ministro mais claro do que eu, o Carlos Veiga. Anos mais tarde ganha um presidente da República mais claro do que tu, o Jorge Carlos Fonseca, e o primeiro-ministro é o José Maria Neves que é mais ou menos da minha tipologia e que hoje é o atual Presidente da República que tem um primeiro-ministro que é dos mais escuros que já houve [risos].

Diz disso a brincar, mas em muitos países africanos não poderia brincar com estas coisas...

Claro que não, mas eu falo da minha realidade cabo-verdiana onde, felizmente, encontramos isso dentro da mesma casa. Dentro da mesma família temos alguns irmãos que uns vão sair ao bisavô e são claros de olhos verdes e um outro que saiu ao pai diretamente e é preto, como nós dizemos em crioulo.

Portanto, a família reflete a sociedade?

Evidentemente. Também há ilhas onde, no interior da ilha, há uns 30 ou 40 anos havia uma percentagem de pessoas escuras muito pequena e noutra uma percentagem de pessoas claras muito pequena também. Por exemplo, no interior da ilha Brava havia maioritariamente pessoas de ascendência europeia. No interior da ilha de Santiago já não, porque os descendentes de escravos fugiram para as montanhas e a sua ascendência é mais africana.

"Imaginem um lugar onde não havia um assentamento populacional com expressão e esse mesmo lugar, cinco séculos depois tem um povo, um Estado, um passaporte, um governo, uma bandeira. É um sucesso."

Mas esse sentimento de ser cabo-verdiano hoje em dia é transversal às ilhas e a todas as classes?

Todos nós criámos um país. Eu diria mais do que criar, inventámos. Em relação à independência há uma questão política interessante: o processo de maturação da nossa identidade, que leva à criação de uma língua e de um nome, para podermos dizer que somos cabo-verdianos, e daí a pertença à comunidade mundial dos crioulos. Nós somos de uma comunidade mundial como quando alguém diz que é europeu, africano ou judeu ou hindu. Nós não somos só cabo-verdianos fechados no nosso umbigo, somos crioulos do mundo espalhados pela Ásia, pela África, pela Europa e pela América, evidentemente. Nesse processo, os cabo-verdianos percebem a partir de certo momento que não podiam ser súbditos de ninguém, porque tinham criado uma identidade. A tendência é a de as identidades renegarem a subserviência e quererem uma afirmação. Aí começa o processo da contestação do domínio colonial. Por isso é que quando se dá o processo da descolonização e independência, é um processo que já vinha de há quatro séculos.

É como se houvesse um caminho desde o povoamento das ilhas que não têm ninguém até à formação de um povo e a chegada desse povo à independência?

Para resumir, quando faço palestras no estrangeiro digo assim: Imaginem um lugar onde não havia um assentamento populacional com expressão e esse mesmo lugar, cinco séculos depois tem um povo, um Estado, um passaporte, um governo, uma bandeira. É um sucesso. É um país que já chegou a perder um terço da sua população devido à fome em alguns lugares, é um país que em 1975 tinha 75% da população analfabeta e que 49 anos depois da independência está acima dos 90% de população alfabetizada e pertence aos países em vias de desenvolvimento. Ou seja, é um país de desenvolvimento médio, já deixou de ser um país pobre.

Oceanos absorveram 90% do aquecimento global nos últimos 50 anos

ALTERAÇÕES CLIMÁTICAS Efeitos nos oceanos "serão irreversíveis nos próximos séculos", alerta a Organização Meteorológica Mundial. Nível do mar subiu quase 10 centímetros desde 1993.

Os oceanos absorveram mais de 90% do calor excessivo retido pelos gases com efeito de estufa (GEE) desde 1971 e estão já a passar por "mudanças que serão irreversíveis nos próximos séculos", alertou a Organização Meteorológica Mundial (OMM).

Esta é uma das conclusões presentes num relatório da OMM apresentado em Tonga pela secretária da organização, Celeste Saulo, e pelo secretário-geral da ONU, António Guterres, durante a 53.ª cimeira do *Fórum de Líderes das Ilhas do Pacífico*.

As ilhas paradisíacas do Pacífico estão em perigo devido ao "transbordar" do oceano, disse Guterres, à medida que a subida média dos mares em todo o mundo ocorre a uma velocidade sem precedentes. Mas o problema "está a chegar a todos nós, juntamente com a devastação da pesca, do turismo e da economia azul", disse o líder das Nações Unidas.

O secretário-geral da ONU alertou ainda para a ameaça real de um degelo da Gronelândia e da Antártida Ocidental, que colocaria em perigo aglomerações costeiras como Los Angeles, Lagos e as megacidades asiáticas de Xangai, Bombaim (atual Mumbai) e Daca.

O relatório da OMM indica que o degelo na Gronelândia e nos polos, somado à alta absorção do aquecimento global pelos oceanos, está a acrescentar água às grandes massas do planeta, que por sua vez aumentam a sua temperatura e se expandem, levando ao aumento dos seus níveis.

"Prevê-se que os 2000 metros superiores do oceano continuem a aquecer devido ao calor excessivo acumulado no sistema terrestre pelo aquecimento global, uma mudança que é irreversível em escalas temporais de séculos e milénios", avança o relatório. "Já estamos a ver mais inundações costeiras, recuo da linha costeira, contaminação de reservas de água doce por água salgada e deslocação de comunidades", acrescenta.

Entre 1993 e 2023, a mediana do aumento global do nível do mar foi de 9,4 centímetros, mas no Pacífico tropical foi superior a 15cm em alguns pontos. Num cenário de aquecimento de três graus Celsius (em linha com a atual trajetória), o nível do mar na região poderá subir mais 15cm entre 2020 e 2050.

"Há preocupações crescentes de que algumas ilhas-nação possam tornar-se inabitáveis", alerta o documento, "com implicações para a sua realocação, soberania e estatuto de Estado".

"São necessários AGORA cortes profundos, rápidos e sustentados nas emissões globais de GEE para permanecermos numa trajetória de aquecimento a longo prazo de 1,5 graus", insta o relatório, que considera necessário melhorar a adaptação costeira e investir na resiliência em todo o mundo, especialmente nas pequenas ilhas.

DN/LUSA

DEFENCE PUBLIC AFFAIRS / AFP

Erupção vulcânica e *tsunami* atingiram Tonga em 2022.

Seguros. Relatório sobre Fundo Sísmico pronto até final do ano

ATRASO Documento preliminar pedido pelo anterior Governo deveria ter sido entregue até final do março.

A Autoridade de Supervisão de Seguros e Fundos de Pensões (ASF) apresenta até final do ano ao Governo o relatório preliminar com vista à criação de um Fundo Sísmico em Portugal, encontrando-se atualmente a desenvolver "trabalhos técnicos adicionais".

"A ASF continua a desenvolver os trabalhos técnicos adicionais necessários a fundamentar as opções a submeter à apreciação do Governo e que, após a sua decisão, serão refletidas num anteprojeto legislativo. Devido à complexidade técnica inerente ao processo, o prazo para apresentação do relatório preliminar decorre até ao final do corrente ano", avançou ontem o supervisor, à Agência Lusa.

Em causa está um relatório preliminar solicitado pelo anterior Governo à ASF com a proposta do modelo de um sistema de cobertura do risco de fenómenos sísmicos. Num despacho de 6 de outubro do ano passado, o Executivo determinava que este relatório fosse entregue até ao final do primeiro trimestre deste ano, o que não aconteceu. Segundo o regulador, os respetivos trabalhos estão ainda "em curso".

Esta segunda-feira, na sequência do sismo sentido em Portugal, a Associação Portuguesa de Seguradores alertou para a necessidade de um sistema de proteção para o risco catastrófico, salientando que apenas 19% das habitações têm atualmente seguro com cobertura de risco sísmico.

DN/LUSA

Questionário de Proust do ChatGPT

Pedimos ao ChatGPT: "Faz-nos um questionário de Proust para podermos publicar no nosso jornal." Só que o que ele nos apresentou era muito semelhante ao original, de Proust. Então dissemos: "Dá-nos um mais divertido." E o resultado foi este.

Nelson Marques Escritor e cronista. "Se fosse possível viajaria para os meus sonhos. Ainda é o mundo mais fascinante que conheço"

Se pudesse ter um qualquer superpoder, qual escolheria e porquê?
Gostava de ter uma espécie de Toque de Midas da bondade: bastar-me-ia tocar numa pessoa para ela se tornar bondosa. Seria algo que ajudaria a corrigir o maior defeito do nosso mundo: todas as pessoas deveriam ser inerentemente benévolas.

Qual é o seu filme ou série de TV favorito para assistir numa maratona?
Escolho uma série, enquanto espero pelo filme com o capítulo final da saga de Tommy Shelby: *Peaky Blinders*.

Qual é a comida mais estranha que já experimentou?
Sandes de pernil com formigas da Amazónia, do *chef* brasileiro Alex Atala.

Se pudesse viajar para qualquer lugar no tempo, para onde e quando iria?
Se fosse possível, viajaria para os meus sonhos. Ainda é o mundo mais fascinante que conheço.

Se fosse uma personagem de desenho animado, quem seria?
O Garfield. Sempre invejei a vida dos gatos.

Qual foi a dança mais embaraçosa que já fez?
Todas aquelas que não ousei dançar. Não há embaraço maior do que ficar encostado a um canto a ver os outros dançar.

Se pudesse trocar de vida com qualquer pessoa por um dia, quem escolheria?
Com o Éder, a 10 de julho de 2016. Deve ser uma sensação extraordinária marcar o golo mais importante da história do futebol português.

Qual é a música que sempre o faz dançar, não importa onde esteja?
Ready to Start, dos Arcade Fire.

Se tivesse de viver num filme, qual escolheria e porquê?
Sérgio, para poder viver uma história de amor com a Ana de Armas, mas adaptava o final para que não fosse trágico.

DIANA TINOCO

Qual foi o presente mais estranho ou engraçado que já recebeu?
O livro *A Arte de Engatar*, que, infelizmente, ainda não li, porque por certo me teria evitado o embaraço recente de estar a falar de vómitos antes de um beijo há muito desejado (e adiado).

Se fosse um animal, qual seria e porquê?
Um leão, porque é o meu signo (embora não ligue à astrologia), mas também porque gosto que me passem a mão pela juba.

Qual é a sobremesa favorita, que nunca recusaria?
Pudim Abade de Priscos, sempre. De seguida, enfardava farófias.

Se pudesse criar um feriado, qual seria e como seria comemorado?
O *Dia dos Tios*. O meu seria rodeado dos meus cinco sobrinhos, a comer leitão na Mealhada, como quase todas as nossas celebrações familiares.

Qual é o seu *hobby* mais estranho ou incomum?
Enviar *e-mails* para mim mesmo com informação relevantíssima que não voltarei a ler.

Se pudesse ter qualquer celebridade como seu melhor amigo, quem escolheria?
Não trocaria nenhum dos meus melhores amigos por qualquer celebridade, nem gostaria que algum deles fosse famoso. Como o Borges em relação à sua Buenos Aires, quero-os só para mim.

Qual é a piada mais engraçada que conhece?
Ter sentido de humor é uma das qualidades mais afrodisíacas que há, mas as piadas querem-se originais e espontâneas. Qualquer piada reciclada já perdeu a graça.

Se pudesse falar com qualquer animal, qual seria e o que perguntaria?
Falaria com um touro depois de uma tourada. Perguntar-lhe-ia o que diria àqueles que defendem este espetáculo bárbaro em nome da tradição.

Qual é o seu talento oculto, que poucas pessoas conhecem?
Tenho um talento especial para dizer as coisas mais absurdas nos momentos menos apropriados. Como ir à televisão comentar que "é preciso tê-los no sítio" para *surfar* as ondas gigantes da Nazaré…

Se fosse uma cor, qual seria e porquê?
A tentação é dizer vermelho, porque é a cor do Benfica, mas escolho branco, porque é o início de algo e sempre gostei de começos. Uma página em branco, por exemplo, pode ser o começo de um belo texto ou de um belo livro.

Qual é a palavra que mais gosta de dizer e porquê?
Amorzade, porque amizade me parece uma palavra curta para descrever a relação que temos com alguns amigos.

Se pudesse inventar qualquer coisa, o que seria?
Inventaria uma máquina de gerir sentimentos, porque não me parece que, como espécie, tenhamos evoluído assim tanto para os podermos gerir corretamente em todas as situações com que a vida nos confronta.

Qual é a coisa mais ridícula que já comprou?
Um conjunto de halteres e barra de musculação achando que iria fazer muito exercício em casa. O meu compromisso terá durado, no máximo, duas ou três semanas.

Se tivesse de comer apenas uma comida para o resto da vida, qual seria?
Seria feliz com bom pão e boa manteiga.

Qual é a sua memória de infância mais engraçada?
Dar um pequeno "concerto" na Rádio Costa Verde, em Espinho, porque convenci os animadores de um programa de que era um pequeno Jimi Hendrix. Não era. Toquei parte da *Wish You Were Here*, dos Pink Floyd, e *Eu Vi Um Sapo*, porque não sabia mais nenhuma. E toquei bem devagar para "sentir a música", ou seja, não conseguia tocar mais depressa.

Se fosse um meme, qual seria?
Qualquer meme do Cillian Murphy.

Qual seria o título da sua autobiografia?
O Homem Que Não Sabia Amar. Seria a história de alguém à procura de uma das questões fundamentais da vida: o que é, afinal, o amor?

Se pudesse ser uma personagem de videojogo, quem seria?
O Pac-Man, porque me faz lembrar a minha infância.

Qual é o seu trocadilho ou piada favorito?
Como gosto muito de comer, escolho uma piada gastronómica: Qual é o prato que ninguém consegue fazer direito? A torta.

Se pudesse ser invisível por um dia, o que faria?
A essa pergunta só respondo na presença de um/a advogado/a. Por agora, faço como o filho do Presidente da República: evoco o meu direito ao silêncio.

Qual foi a coisa mais inesperada que aprendeu recentemente?
Aprendi que do caos também pode nascer a esperança. Que a ruína dos sonhos desfeitos pode abrir espaço para algo novo e melhor. Que às vezes precisamos queimar a terra para que ela se torne mais fértil.

Estrangeiros triplicaram investimento direto no imobiliário nos últimos dez anos

BANCO DE PORTUGAL Holanda e Luxemburgo estão entre os principais países de origem do investimento estrangeiro, mas os dois centros financeiros são usados também por outros países por oferecem discrição e grandes vantagens fiscais.

TEXTO **LUÍS REIS RIBEIRO**

Os vistos *gold* contribuíram para atrair investimento para o setor imobiliário português.

JORGE AMARAL / GLOBAL IMAGENS

O Investimento Direto Estrangeiro (IDE) parqueado em Portugal (o total das chamadas posições finais ou dos *stocks*) aumentou mais de 55% nos últimos dez anos, ou seja, desde que terminou o programa de ajustamento da *troika*, entre o 1.º semestre de 2014 e igual período deste ano, indicam dados novos do Banco de Portugal, ontem divulgados. O setor que mais contribuiu para a explosão no IDE ao longo deste período foi o imobiliário, onde a entrada dos estrangeiros mais do que triplicou o valor dos investimentos em *stock*, agora na mão de empresas, fundos, bancos e particulares com poder de compra sediados no exterior.

Este aumento muito significativo do IDE aconteceu logo a partir de 2014, impulsionado pela desvalorização interna da economia (salários e preços em geral), que a tornou, na altura, muito mais barata e apetecível.

O conjunto dos investidores estrangeiros passou a deter ativos (capital ou dívida, porque se tornaram credores) em forma de investimento num valor patrimonial de 183,9 mil milhões de euros, mais 55% do que em 2014.

Nas atividades imobiliárias, a vaga foi enorme, qual *tsunami*, tendo a respetiva posição de IDE subido de 4,9 mil milhões de euros no final do 1.º semestre de 2014 para uns impressionantes 15 mil milhões de euros agora.

Desde 2014, o setor imobiliário explodiu de tal forma – puxando pelos preços das casas, do arrendamento de casas e de espaços empresariais – que passou de sexto para quarto mais importante no *ranking* das atividades económicas de referência do IDE, medidas pelo valor do balanço (ativo/passivo) destas operações.

Se juntarmos o setor da construção ao imobiliário, este binómio passa a ser o terceiro maior da economia em termos de IDE, avaliado num total de 18,5 mil milhões de euros, mais de 10% do total.

Quem investe?

O BdP também atualizou a base de dados relativa ao IDE detalhando os territórios das contrapartes, isto é, o valor em investimento procedente de um determinado país ou território.

Como explica o BdP, estas "estatísticas apresentadas de acordo com princípio direcional são mais adequadas para a análise das motivações do investimento direto", embora não captem o investidores originário. Por exemplo, há países que, por serem grandes centros financeiros e por concederem grandes vantagens fiscais, acabam por aparecer no topo dos *rankings* dos IDE sem, de facto, serem dos maiores investidores. Além de serem plataformas giratórias que fazem circular o capital financeiro, o tipo de investimento também pode ser em ativos intangíveis em vez de ser em ativos reais.

Espanha não é um grande centro financeiro, mas é, atualmente, o principal investidor estrangeiro em Portugal, com interesses avaliados em quase 37 mil milhões de euros, 20% do IDE total existente em Portugal.

> Espanha é o principal investidor estrangeiro em Portugal, com interesses avaliados em quase 37 mil milhões de euros, 20% do IDE total existente em Portugal.

Mas por exemplo, em segundo, aparecem os Países Baixos, um centro financeiro que oferece grandes vantagens fiscais (veja-se o sem número de empresas portuguesas com sede na Holanda), com um valor em IDE na ordem dos 35,7 mil milhões de euros. O Luxemburgo, outro centro financeiro de grande calibre, surge em terceiro, com 33 mil milhões de euros. Juntos, estes dois países têm quase 40% do IDE em Portugal.

Contudo, o banco central mostra que o dinheiro até pode vir daí, mas que os investidores originais podem estar noutro ponto do globo e bem diferente. É o caso exemplar da China. Embora tenha originado 3,8 mil milhões de euros em investimentos em Portugal em 2023, a verdade é que o país é muito mais importante como investidor do que parece.

Segundo o BdP, usando o critério do território de origem efetiva e beneficiário final do investimento, a China é responsável por ativos no valor de 12,4 mil milhões de euros em Portugal. Ou seja, mais do triplo do que aparece na primeira estatística. Significa isto que houve quase nove mil milhões de euros em IDE chinês que entrou em Portugal por outras vias que não diretamente da China.

luis.ribeiro@dinheirovivo.pt

Estádio Morumbi, em São Paulo, passou a chamar-se Morumbis.

ARNE MÜSELER

DINHEIRO EM CAMPO

Brasileirão iguala *Premier League* em *naming rights*

FUTEBOL Seis dos 20 clubes da elite do país sul-americano têm estádios batizados por marcas. O tradicional Morumbi, patrocinado pelos chocolates Bis, agora é Morumbis, por exemplo.

TEXTO **JOÃO ALMEIDA MOREIRA,** SÃO PAULO

Os contratos de *naming rights* em estádios do Brasileirão já igualam os da *Premier League*: são seis, 30%, em 20. Mas o "desempate" favorece o país sul-americano que tem mais dois recintos utilizados frequentemente pelos clubes batizados por marcas.

Na Inglaterra, os estádios com nome de empresa são Emirates Stadium (Arsenal), Vitality Stadium (Bournemouth), Gtech Community Stadium (Brentford), Amex Stadium (Brighton), Etihad Stadium (Manchester City) e King Power Stadium (Leicester).

No Brasil, além de Allianz Parque (Palmeiras), Neo Química Arena (Corinthians), Ligga Arena (Athletico Paranaense), Arena MRV (Atlético Mineiro), Morumbis (São Paulo) e Casa de Apostas Arena Fonte Nova (Bahia), também a Arena BRB Mané Garrincha, em Brasília, e a Mercado Livre Arena Pacaembu, em São Paulo, poderão sediar partidas durante o torneio. Os valores do acordo Pacaembu-Mercado Livre, de mil milhões de reais, cerca de 163 milhões de euros, são, aliás, os mais altos porque o tempo de duração é de 30 anos.

E o Vitória equaciona vender os direitos do popular Estádio Barradão à Fatal Model, uma empresa de acompanhantes de luxo.

O mais antigo dos atuais contratos é o do Palmeiras, assinado com a Allianz em 2013. Já a Arena Fonte Nova, em Salvador, trocou de nome só este ano, após anunciar, em dezembro de 2023, a Casa de Apostas como parceira, num acordo que chega aos 52 milhões de reais, cerca de 8,6 milhões de euros, por quatro anos de contrato.

"O recente processo de profissionalização que atravessa o futebol baiano e o potencial de crescimento das receitas do espaço foram dois fatores essenciais para realizarmos este movimento. O local também se destaca com grandes concertos e possui condições de sediar jogos da seleção brasileira e finais de torneios internacionais", diz Anderson Nunes, *head* de Negócios da Casa de Apostas, ao Dinheiro Vivo/DN.

Os contratos para *naming rights* de estádios chegaram ao Brasil em 2005, quando a Arena da Baixada, do Athletico Paranaense, se tornou a Kyocera Arena. O *boom*, no entanto, veio após a Mundial 2014 no país e a construção das novas arenas. Ivan Martinho, professor de *marketing* da ESPM, acredita que este tipo de acordo ganhe força: "Os estádios são ativos valiosos do desporto e a venda dos *naming rights* representa receita importante a ser explorada nos clubes; a injeção de dinheiro potencializa o desenvolvimento das experiências, assim como ocorre nos desportos americanos, por exemplo."

Joaquim Lo Prete, *country manager* da Absolut Sport no Brasil, agência de experiências desportivas, concorda: "O facto de as equipas deixarem de relutar em mudar o nome dos estádios é um fator que expressa nova mentalidade comercial, ouvi por muito tempo, por exemplo, que jamais chamariam o Morumbi por qualquer outro nome, mas, com inteligência e criatividade, o São Paulo conseguiu chamá-lo Morumbis, a que *media* e adeptos aderiram." Os *naming rights* do estádio são da Mondelez, empresa cuja marca de chocolates mais famosa é o Bis, transformando, por isso, Morumbi em Morumbis.

Em resumo, segundo Renê Salviano, CEO da Heatmap e especialista em *marketing* desportivo, "as novas arenas dispõem de inúmeros canais para realizar ações, que vão desde meios físicos, como ecrãs, camarotes e áreas comuns, até meios digitais, como as redes sociais, atrelando-se à carga emocional envolvida nesses espaços. As marcas garantem um diferencial em relação à concorrência, assim como conexão com os torcedores."

geral@dinheirovivo.pt

30%

Percentagem de estádios da *Premier League* e da Série A do Brasileirão batizados por marcas.

2005

Ano em que a Arena da Baixada, do Athletico Paranaense, se tornou a Kyocera Arena, primeira experiência no país.

163

Valor, em milhões de euros, do contrato entre Pacaembu – estádio municipal de São Paulo – e a empresa Mercado Livre, que agora nomeia o recinto.

BREVES

Mercado laboral "merece atenção", diz Centeno

O governador do Banco de Portugal (BdP) alerta que o mercado de trabalho "merece atenção na Europa", numa altura em que já há sinais de abrandamento na criação de emprego. No rescaldo do simpósio anual dos bancos centrais em Jackson Hole, nos EUA, Mário Centeno destaca, num *podcast* do BdP, que se podem retirar lições dos Estados Unidos, tendo em conta a mensagem do presidente da Reserva Federal, de que "há sinais de enfraquecimento na Economia norte americana, em particular no mercado de trabalho."
"Os últimos dados de criação de empregos na Europa têm vindo a diminuir, são sempre os primeiros sinais de abrandamento do mercado de trabalho", avisa Centeno.

Pensões sem nova tabela de retenção de IRS em setembro

A descida da retenção na fonte do IRS, contemplada nas novas tabelas, apenas vai ser sentida pelos pensionistas da Segurança Social a partir de outubro, uma vez que as pensões de setembro já estão processadas. Em resposta à Lusa, fonte oficial do Ministério do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social adianta que "as retificações resultantes da não-aplicação da nova tabela nas pensões de setembro serão efetuadas até ao mês de dezembro, inclusive." As taxas de retenção aplicadas nos meses de setembro e outubro visam compensar o imposto retido em excesso entre janeiro e agosto, quando não tinham ainda sido publicadas as alterações ao IRS.

Em clima de tensão regional, EUA e China esperam ter conversações produtivas

DIPLOMACIA Um dos objetivos do encontro entre o conselheiro de Segurança Nacional norte-americano e o ministro dos Negócios Estrangeiros chinês poderá ser lançar as bases para uma última cimeira entre Joe Biden e Xi Jinping.

TEXTO **ANA MEIRELES**

O conselheiro de Segurança Nacional dos EUA, Jake Sullivan, foi recebido em Pequim pelo líder da diplomacia da China, Wang Yi.

NG HAN GUAN / POOL / AFP

O conselheiro de Segurança Nacional dos Estados Unidos, Jake Sullivan, e o líder da diplomacia da China, Wang Yi, garantiram ontem esperar ter conversações produtivas durante o seu encontro na capital chinesa, o quinto que mantêm no espaço de ano e meio. O presente encontro realiza-se numa altura em que dois aliados de Washington, o Japão e as Filipinas, culpam Pequim pelo aumento das tensões regionais.

Na sua chegada a Pequim, Jake Sullivan afirmou esperar uma ronda de conversações muito produtiva" com Wang. "Iremos aprofundar uma ampla gama de questões, incluindo questões sobre as quais concordamos e aquelas questões onde ainda existem diferenças, que precisamos administrar de forma eficaz e substantiva", acrescentou o conselheiro do presidente norte-americano Joe Biden.

Wang, por seu turno, garantiu a Sullivan estar interessado em conversações "substantivas" e "construtivas" durante a sua visita, a primeira à China de um conselheiro de Segurança Nacional dos EUA desde 2016.

O ministro dos Negócios Estrangeiros chinês referiu ainda desejar que os dois lados "ajudem as relações China-EUA a avançar em direção à visão de São Francisco", referindo-se a uma estrutura apresentada pelos presidentes Joe Biden e Xi Jinping num encontro que tiveram naquela cidade dos Estados Unidos em novembro.

De acordo com a AP, o objetivo desta visita é limitado, tendo como principal objetivo tentar manter a comunicação numa relação que se deteriorou entre 2022 e 23 e tem vindo a ser recuperada nos últimos meses. Nesse sentido, Jake Sullivan poderá tentar nos encontros que manterá até quinta-feira lançar as bases para uma possível cimeira final entre o presidente chinês Xi Jinping e Joe Biden antes de este abandonar a Casa Branca em janeiro.

"Estamos empenhados em fazer os investimentos, fortalecer as nossas alianças e tomar as medidas comuns em matéria de tecnologia e segurança nacional que precisamos de tomar", disse uma fonte norte-americana à AFP, referindo-se às restrições às transferências de tecnologia dos EUA para a China impostas por Biden. "Estamos empenhados em gerir esta competição de forma responsável e evitar que ela se transforme em conflito", acrescentou a mesma fonte, avançando que os Estados Unidos pressionarão a China pela sua crescente "pressão militar, diplomática e económica" sobre Taiwan.

> O Japão acusou Pequim de violar o seu espaço aéreo e as Filipinas classificaram a China como "maior perturbador" da paz no Sudeste Asiático.

Este encontro entre Sullivan e Wang ficará também marcado pelas acusações feitas à China pelos dois maiores aliados dos Estados Unidos na Ásia. O Japão, signatário de um Tratado de Segurança com os EUA, enviou caças esta segunda-feira, na sequência da incursão sem precedentes de um avião militar chinês no seu espaço aéreo. Tóquio considerou o incidente como uma "grave violação" da sua soberania. Ontem, a diplomacia chinesa disse estar a verificar o incidente, garantindo que a China "não tem intenção de invadir o espaço aéreo territorial de qualquer país".

Por outro lado, as Filipinas, que estão ligadas aos EUA por um Tratado de Defesa Mútua, acusaram ontem Pequim de ser o "maior perturbador" da paz na região, na sequência de uma série de confrontos com navios chineses no Mar do Sul da China.

A diplomacia chinesa rejeitou estas acusações, sublinhando que os países da região sabem que a China não é culpada pela instabilidade e pedindo a Manila para "evitar provocações e não continuar com falsas acusações".

ana.meireles@dn.pt

Khamenei abre porta a negociações

O líder supremo do Irão, *ayatollah* Ali Khamenei, manifestou ontem abertura para iniciar novas negociações com os EUA sobre o programa nuclear iraniano, mas expressou igualmente alguns avisos em relação a Washington. "Não precisamos depositar a nossa esperança no inimigo. Para os nossos planos, não devemos esperar pela aprovação dos inimigos", disse Khamenei num vídeo transmitido pela televisão. "Não é contraditório negociar com o mesmo inimigo em algumas situações, não há barreira", afirmou. Khamenei, de 85 anos, já aceitou negociações com os EUA noutras ocasiões, mas passou a rejeitá-las depois de Washington ter saído unilateralmente, em 2018, do acordo nuclear, uma decisão tomada pelo então presidente norte-americano Donald Trump.

Em 2018, houve manifestações a favor de Durov, após Moscovo ter bloqueado o Telegram por este serviço não fornecer acesso a mensagens privadas.

OLGA MALTSEVA / AFP

Pavel Durov, o libertário com a chave para abrir segredos russos

PERFIL O criador do Telegram estará preso em França, segundo Moscovo, para pôr em xeque as comunicações militares russas.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

O regime russo voltou à carga, através do porta-voz da presidência Dmitri Peskov, ao questionar a detenção em França do empresário Pavel Durov, um dia depois de Emmanuel Macron ter negado qualquer "ligação política" à investigação judicial. Moscovo não esconde a preocupação de que o serviço de mensagens, usado pelos seus militares e serviços de espionagem, fique comprometido.

A justiça francesa investiga o homem nascido há 39 anos em Leningrado (atual São Petersburgo) por não ter tomado medidas contra a utilização criminosa do Telegram, que criou com o irmão Nikolai em 2013, e do qual é o administrador executivo. Em particular, é suspeito de administrar uma plataforma *online* que permite transações ilícitas por grupo organizado, de recusar comunicar com as autoridades, de cumplicidade em delitos e crimes organizados na plataforma (tráfico de droga, pedofilia, fraude e branqueamento de capitais) e de oferecer serviços de encriptação sem a declaração adequada. "As acusações são, de facto, muito sérias e exigem provas não menos sérias. Caso contrário, isto seria uma tentativa direta de restringir a liberdade de comunicação e, posso mesmo dizer, intimidar diretamente o chefe de uma grande empresa", comentou Dmitri Peskov. A Rússia, que não tem imprensa livre, sai agora em defesa de Pavel Durov, o mesmo que em 2014, pressionado pelo poder, abandonou o país e deixou a rede social por si fundada em 2006, a VKontakte, entretanto tomada pela Gazprom. Em 2018, um tribunal de Moscovo decidiu bloquear o Telegram, porque não cumpria a nova legislação sobre as comunicações ao não fornecer as chaves de encriptação das mensagens dos utilizadores aos serviços de informações, FSB. O braço-de-ferro terminou em 2020, após a agência de supervisão das comunicações ter informado que a plataforma acedeu em cooperar com investigações ao extremismo.

Filho de uma jornalista e de um latinista autor de biografias de imperadores romanos, Pavel Durov e o irmão cedo se destacaram como prodígios na matemática. Ao regressarem à Rússia vindos de Itália, onde passaram parte da infância, ele e Nikolai levaram um computador IBM, tornando-se num dos poucos com possibilidades de desenvolver programação informática.

De perfil discreto, segundo o cofundador do VKontakte, Ilya Perekopsky, o homem agora detido "sempre quis ser conhecido e manipular as mentes. Pelo menos, queria criar grandes coisas que fossem acolhidas por muitas pessoas", disse à revista XXI, sublinhando a sua megalomania. Além de o Telegram ter 900 milhões de utilizadores, e de uma fortuna pessoal avaliada pela Bloomberg em 9 mil milhões de dólares , Durov surpreendeu ao anunciar em julho ter mais de cem filhos em resultado de doações de esperma. Em abril, numa rara entrevista concedida ao norte-americano Tucker Carlson, Durov definiu-se como um libertário e defensor da privacidade. "Prefiro ser livre do que receber ordens de quem quer que seja."

Durov vivia nos Emirados Árabes Unidos, onde o Telegram está também sedeado, país do qual tem nacionalidade, bem como de São Cristóvão e Neves e de França: em 2021 foi naturalizado francês, sob o nome Paul du Rove, num "procedimento excecional e político", segundo o *Le Monde*. O mesmo país que agora, segundo os russos, o prendeu para obter as chaves do Telegram.

cesar.avo@dn.pt

Brechas na Frente Popular

A resposta à rejeição do presidente francês em dar posse a um Governo da aliança de esquerda Nova Frente Popular criou mais brechas entre os partidos que a constituem e inclusive no Partido Socialista.

Em mais uma ronda de audições com os partidos – que prosseguem hoje –, Emmanuel Macron disse estar "bem ciente da urgência da situação", segundo disseram representantes do grupo parlamentar centrista Liot – Gabriel Attal é recordista de tempo em funções como primeiro-ministro demissionário. Enquanto não se entrevê qualquer solução que permita a "estabilidade institucional" alegada pelo chefe de Estado para impedir a nomeação da diretora das Finanças da Câmara de Paris, Lucie Castets.

Perante a recusa de Macron, houve críticas unânimes à esquerda. Já a forma de responder voltou a mostrar as divergências da coligação de extrema-esquerda e esquerda. A França Insubmissa (LFI) de Jean-Luc Mélenchon convocou uma manifestação para 7 de setembro e voltou à carga com a ideia de apresentar uma moção de destituição do presidente.

Sobre a "grande mobilização popular" contra a "negação da democracia", os socialistas mostraram-se divididos. O seu líder, Olivier Faure, disse que participaria nas manifestações, rejeitando contudo associar-se ao caos: "Não estou a dizer que temos de pôr o país a ferro e fogo." O seu número dois, Pierre Jouvet, disse por sua vez que o PS não pretende associar-se a manifestações. "A urgência está no debate", disse. E enquanto Faure recusa participar num Governo com o campo de Macron e da direita, vozes como a da autarca Hélène Geoffroy, apelam a explorar essa via. **C.A.**

YEVHEN SYNYCHENKO, CHEFE MILITAR DE KRYVYI RIH

O estado da destruição do hotel em Kryvyi Rih, cidade natal de Zelensky.

Rússia abre frente de guerra aos jornalistas

UCRÂNIA Sete repórteres visados pela Justiça de Moscovo e ataques com mísseis a hotéis onde se alojam profissionais da comunicação.

TEXTO **CÉSAR AVÓ**

Na semana passada, Mos- covo direcionou a sua fúria contra os jornalistas estrangeiros. A porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros, Maria Zakharova, assegurou que iriam ser "tomadas medidas" contra os jornalistas ocidentais que entrassem na região russa de Kursk com as forças ucranianas. Além de ter aberto processos-crime contra sete profissionais da informação, foram visados, nos últimos dias, dois hotéis que costumam albergar jornalistas.

Na noite de segunda-feira, um míssil russo destruiu o Hotel Aurora, em Kryvyi Rih, tendo morrido três pessoas e outra dada como desaparecida, além de causar cinco feridos. O hotel iria receber a equipa de futebol do Shaktar Donetsk, que vai jogar no domingo com a equipa local FC Kryvbas. Na noite anterior, tinha sido a vez do Hotel Sapphire, em Kramatorsk, onde foi morto o britânico Ryan Evans, um ex-militar que trabalhava como segurança para a equipa de reportagem da Reuters. No ataque dois jornalistas ficaram feridos, além de quatro outras pessoas. Para o presidente ucraniano, o ataque ao Sap- phire foi "totalmente deliberado".

Os canais pró-russos afirmam que nos hotéis situados nas regiões de Donetsk, e Dnipropetrovsk estavam alojados mercenários e/ou instrutores da NATO. Mas a ameaça, mais ou menos velada, foi feita por Zakharova no Telegram, ao acusar os jornalistas de "envolvimento direto na execução de agressão híbrida em grande escala contra a Rússia". Na mesma ocasião a porta-voz disse que iriam ser "tomadas medidas contra os infratores".

Ontem, o FSB anunciou que iria avançar com dois processos-crime, elevando os casos a sete jornalistas. Se forem considerados culpados, os repórteres podem ser condenados até cinco anos de prisão. O FSB anunciou que os acusados serão, em breve, colocados numa lista internacional de procurados.

> Para Moscovo, os jornalistas que entraram em Kursk são parte da "agressão híbrida contra a Rússia".

Em fevereiro, após dois anos da invasão russa, os Repórteres Sem Fronteiras contabilizaram mais de 100 jornalistas vítimas de violência pelas forças russas, dos quais 11 morreram. Do lado ucraniano, 233 meios de comunicação foram obrigados a fechar. Já do lado russo, a legislação resultante da "operação militar especial" obrigou os poucos meios independentes a tomar a decisão de fechar portas ou de emigrar, caso do *Novaya Gazeta*, cujo diretor, Dmitry Muratov, foi laureado com o Nobel da Paz.

Plano para a paz

Zelensky revelou que vai apresentar ao homólogo norte-americano, Joe Biden, um plano para a paz numa reunião em setembro. Disse que a proposta seria também apresentada à vice-presidente Kamala Harris e ao ex-presidente Donald Trump, os dois candidatos às eleições de novembro. Zelensky disse que a incursão em Kursk faz parte do que chamou de "plano de vitória" e disse que não está disponível a ceder territórios como parte de negociações de paz.

Israel resgata um refém e famílias falam em milagre, mas apelam ao cessar-fogo

GUERRA "Esperamos que outras famílias tenham este momento", disse o irmão de Farhan Alkadi.

TEXTO **ANA MEIRELES**

Telavive anunciou esta ontem ter resgatado em Gaza, Kaid Farhan Alkadi, um beduíno israelita de 52 anos, capturado durante os ataques do Hamas de 7 de outubro. "Alkadi foi resgatado numa operação complexa no sul da Faixa de Gaza", refere um comunicado do exército israelita, acrescentando que se encontra em situação estável e foi levado para um hospital para exames médicos.

Alkadi é de Rahat, uma cidade predominantemente árabe, e trabalhava como guarda num armazém no sul de Israel quando foi capturado por militantes do Hamas. "Esperamos que outras famílias tenham este momento", disse ao Canal 12 israelita Hatham, irmão de Farhan.

O Fórum de Reféns e Famílias Desaparecidas descreveu este resgate como "milagroso". "No entanto, devemos lembrar que as operações militares por si só não podem libertar os restantes reféns que sofreram 326 dias de abusos e terror", afirmou o mesmo grupo, insistindo que só um cessar-fogo pode garantir o regresso de outros cativos. "Um acordo negociado é o único caminho a seguir. Apelamos urgentemente à comunidade internacional para manter a pressão sobre o Hamas para que aceite o acordo proposto e liberte todos os reféns", acrescentaram. Segundo contas da AP, o Hamas ainda mantém cerca de 110 reféns, tudo apontando para que cerca de um terço estejam mortos.

Já o primeiro-ministro Benjamin Netanyahu garantiu que Israel está a "trabalhar incansavelmente para trazer de volta todos os nossos reféns", num vídeo divulgado pouco depois de falar com Alkadi. "Estamos a fazer isso de duas maneiras principais: através de negociações e através de operações de resgate. Ambas as abordagens exigem a nossa presença militar no terreno e uma pressão militar contínua sobre o Hamas", prosseguiu.

Os Estados Unidos mostraram um otimismo cauteloso, na segunda-feira, em relação aos esforços para garantir um cessar-fogo. O porta-voz do Conselho de Segurança Nacional, John Kirby, disse que "continua a haver progressos" e que as conversações continuarão e envolverão "grupos de trabalho", durante vários dias. Depois de reuniões sem resultado no Egito, as negociações vão mudar-se agora para o Qatar, outro dos países mediadores.

GABINETE DO PM DE ISRAEL/AFP

Alkadi foi feito refém nos ataques de 7 de outubro.

Os menonitas fazem da Amazónia a sua casa

MODO DE VIDA Grupos destes cristãos anabatistas evangélicos, em busca de terra barata longe da vida moderna, estão a construir novas colónias na Amazónia. Estão também a gerar receios de que estejam a contribuir para a desflorestação.

TEXTO **MITRA TAJ,** *THE NEW YORK TIMES*

Depois de semanas a viver em em tendas na selva, o punhado de famílias menonitas que tentavam construir um novo lar nas profundezas da Amazónia peruana começou a desesperar. As vespas atacaram enquanto tentavam limpar a floresta. As fortes chuvas transformaram a estrada para o acampamento em lama. Com poucos mantimentos, alguns queriam voltar atrás. Em vez disso, trabalharam mais arduamente e acabaram por criar um enclave.

"Há um lugar aqui onde eu queria viver, por isso viemos e tornámos parte dele acessível", recordou Wilhelm Thiessen, agricultor menonita. "É o que toda a gente fez para ter um lugar para viver."

Hoje, sete anos depois, o aglomerado de propriedades rurais é uma colónia próspera, Wanderland, lar de cerca de 150 famílias, uma igreja que também funciona como escola e uma unidade de processamento de queijo.

Wanderland é um de uma série de colonatos menonitas que se enraizaram por toda a Amazónia, transformando as florestas em quintas prósperas, mas também levantando preocupações entre os ambientalistas sobre a desflorestação de uma selva já ameaçada por indústrias como a pecuária e a mineração ilegal de Ouro.

As comunidades menonitas também estão sob escrutínio oficial, incluindo no Peru, onde as autoridades estão a investigar várias delas, acusando-as de desmatar florestas sem as licenças exigidas. As colónias negam irregularidades.

Os menonitas começaram a migrar do Canadá para a América Latina há cerca de um século, depois de o país ter acabado com as isenções que tinham na Educação e no Serviço Militar.

O presidente do México na altura, Álvaro Obregón, ansioso por consolidar as regiões rebeldes do norte após a Revolução Mexicana, deu aos menonitas terras não cultivadas e garantias de que poderiam viver como desejassem. Nas décadas seguintes, outros países latino-americanos, procurando expandir as suas fronteiras agrícolas, fizeram convites semelhantes.

Hoje, mais de 200 colónias menonitas em nove países da América Latina ocupam cerca de 3,9 milhões de hectares, uma área maior do que os Países Baixos, onde a sua denominação surgiu pela primeira vez, de acordo com um estudo de 2021 realizado por investigadores da Universidade McGill, em Montreal.

Segundo os analistas, a Bolívia registou o crescimento mais rápido de qualquer país latino-americano e tem agora 120 colónias menonitas, enquanto na última década surgiram no Peru meia dúzia de colonatos, incluindo Wanderland. Os menonitas procuraram também terras no Suriname, um pequeno país sul-americano rico em florestas virgens, desencadeando protestos de grupos indígenas e de descendentes de escravos fugitivos.

"Eles estão basicamente a tentar encontrar os últimos lugares na Terra que ainda têm áreas enormes e contínuas que possam sustentar o seu estilo de vida, e que por acaso são áreas florestais na Amazónia", disse Matt Finer, especialista sénior em investigação da Amazon Conservation, uma organização ambiental sem fins lucrativos.

No terreno, Wanderland parece uma página do passado. Os carros puxados por cavalos transportam passageiros por estradas de terra batida. Homens de fato-macaco trabalham nos campos que se estendem por detrás de simples casas de madeira. Não há eletricidade. Ao cair da noite, as famílias jantam à luz das velas depois de darem graças em *plautdietsch*, um dialeto germânico falado quase exclusivamente entre os menonitas das Américas.

Permanecem fragmentos do que antes era selvagem, um macaco de estimação na varanda da frente, um papagaio enjaulado. Num barracão do quintal, Johan Neufeld, de 73 anos, exibia três pacas das planícies, um grande roedor amazónico apreciado pela sua carne. Ele apanhou-os na floresta e quer tentar criá-los.

Wanderland é um povoado de "Antiga Colónia", composto por menonitas cuja história remonta a um assentamento do século XVIII, Chortitza, que hoje faz parte da Ucrânia. Tal como outros menonitas, seguem os ensinamentos de um padre holandês, Menno Simons, que foi perseguido durante a Reforma protestante por se opor ao batismo infantil e ao recrutamento militar. Com o tempo, porém, viver afastado do resto do mundo e rejeitar as novas tecnologias tornaram-se marcas da fé e da cultura da Antiga Colónia, e a migração um meio de preservá-las.

"Os nossos antepassados pensavam que se vivermos longe, no campo, há mais possibilidades de controlar o mal", disse Johan Bueckert, um agricultor da Antiga Colónia que agora vive em Providencia, uma colónia perto de Wanderland. "Queremos viver como eles viveram. Não queremos mudanças constantes."

À medida que as colónias menonitas nos diferentes países se tornam mais povoadas e prósperas, o valor das terras próximas aumenta e aderir a uma vida agrícola austera, em terrenos baratos, torna-se mais difícil. Assim, os grupos separam-se para construir novos colonatos.

Thiessen ajudou a fundar Wanderland depois de se mudar de Nueva Esperanza, uma das maiores colónias menonitas da Bolívia, porque tinha filhos que precisavam de terras agrícolas para sustentar as suas próprias famílias.

Carro puxado por cavalos percorre uma estrada de terra batida aberta na floresta, que foi desmatada para dar lugar à agricultura.

FOTOS: MARCO GARRO / THE NEW YORK TIMES

À esquerda, jovens menonitas da colónia de Providencia, no Peru. À direita, mulheres lavam roupa na colónia de Wanderland.

"Na Bolívia há muitas colónias, mas quase não resta nenhuma terra", disse.

As tentações mundanas, especialmente os telemóveis, também se insinuavam na vida quotidiana à medida que as colónias bolivianas se tornavam mais populosas, disse Hernan Neufeld, de 39 anos, um dos líderes religiosos de Wanderland, chamados bispos. "Muitos irmãos e irmãs perderam-se", disse. "É por isso que procuramos um lugar mais remoto para ver se conseguimos fazer cumprir as nossas normas."

Desde que os colonatos menonitas surgiram pela primeira vez na Amazónia peruana, em 2017, desmataram mais de 6800 hectares de floresta, de acordo com uma análise do ano passado feita pelo Projeto de Monitorização da Amazónia Andina (PMAA), que monitoriza a desflorestação. Isto é apenas uma fração dos pelo menos 150 mil hectares de floresta perdidos nos últimos anos no Peru, a maior parte deles para a agricultura de pequena escala. A desflorestação global da Amazónia preocupa muitos ambientalistas, uma vez que a floresta tropical absorve as emissões de carbono que retêm o calor, tornando-a num regulador crucial do clima mundial.

Os menonitas entrevistados em Wanderland e Providencia disseram não estar familiarizados com o termo "alterações climáticas" ou como as suas práticas afetam a Amazónia. Os seus líderes reconheceram que partes da floresta foram desmatadas para as suas colónias, mas não acreditaram que tivessem feito alguma coisa errada.

> Wanderland é um de uma série de colonatos menonitas que se enraizaram por toda a Amazónia, transformando as florestas em quintas prósperas, mas levantando preocupações entre os ambientalistas sobre a desflorestação de uma selva já ameaçada.

> Hoje, mais de 200 colónias menonitas em nove países da América Latina ocupam cerca de 3,9 milhões de hectares, uma área maior do que os Países Baixos.

"Cada colónia desmata um pouco a floresta, mas é muito pouco", disse Peter Dyck, um agricultor do Belize e líder de Providencia. "A floresta é grande." Acrescentou que as colónias produzem soja, arroz e milho para vender no Peru, ajudando a alimentar as pessoas e a fazer crescer a Economia.

Contudo, os menonitas ainda estão sob o escrutínio do Governo. As autoridades peruanas estão a investigar Wanderland, Providencia e uma terceira colónia menonita, acusando-as de desmatar florestas sem as licenças exigidas. Procuram indemnizações e penas de prisão para os líderes das colónias, disse Jorge Guzman, advogado que representa o Ministério do Ambiente do Peru no caso.

No entanto, as três colónias negam ter feito qualquer coisa ilegal, argumentando que não precisavam de licenças porque já detinham títulos agrícolas das terras, emitidos pelo Governo Regional, disse Medelu Saldaña, um político local que aconselha as colónias. As colónias compraram as suas terras, acrescentou Saldaña, a uma empresa madeireira que já tinha despojado a floresta de árvores de madeira dura. Contudo, as autoridades e os especialistas disseram que as imagens de satélite mostraram que as colónias tinham desmatado florestas primárias ricas em carbono e, mesmo que partes tivessem sido destruídas pela exploração madeireira, as colónias ainda necessitavam de licenças e aprovações devido à dimensão das suas operações. "Querem que um pedaço de papel iluda a realidade", disse Guzman.

Alguns especialistas em assuntos menonitas afirmam que estes estão a ser alvos injustos, dado que outras atividades na Amazónia peruana estão a consumir extensões de floresta muito maiores.

No Peru, as plantações de palma e cacau que abastecem empresas globais já substituíram grandes extensões de floresta, enquanto o tráfico de droga, a exploração ilegal de madeira e a mineração de ouro continuam a expandir-se cada vez mais.

"Penso que os menonitas são o foco de muitas críticas neste momento, porque são um grupo diferente de pessoas", disse Kennert Giesbrecht, canadiano e antigo editor-chefe de um jornal bissemanário de língua alemã, amplamente lido na diáspora menonita.

A várias horas de Wanderland, descendo o rio, está a formar-se uma nova aldeia menonita, Salamanca. Cornelius Niekoley, agricultor e bispo do México, viajou para o Peru para avaliar se deveria comprar propriedades para os seus filhos adultos e as suas famílias. "Bom preço e belo terreno", disse. "Não há muitas pedras. Com muitas pedras, é difícil limpar o terreno." Nascido no Belize, filho de pai mexicano e mãe canadiana, Niekoley e os seus filhos vivem numa colónia em Quintana Roo, no sudeste do México, de onde alguns dos seus vizinhos já se mudaram para Salamanca em busca de terras mais acessíveis.

Olhando em redor da aldeia, Niekoley disse: "Ainda não há muitos, mas mais virão."

Opinião
Joana Araújo Lopes

Os nossos Aliados no Afeganistão

"*I will find you and I will kill you.*" Se leu esta frase com a voz do ator Liam Neeson, no papel do agente Bryan Mills na série *Taken*, desengane-se: esta frase não é ficção. Estas foram as palavras ameaçadoras de um talibã contra um afegão que trabalhou junto das forças norte-americanas e aliadas durante a guerra do Afeganistão.

A guerra no Afeganistão é a guerra mais longa dos Estados Unidos da América (EUA). Em fevereiro de 2020, a Administração norte-americana de Trump e o grupo terrorista talibã assinaram um acordo de paz – o Acordo de Doha – que previa quatro compromissos, nomeadamente o fim do uso do território afegão para atividades terroristas (*safe heaven*); a retirada das Forças Aliadas até maio de 2021; a negociação para um Governo estável e a cessação permanente da violência. O presidente Biden, o sucessor, estabeleceu um prazo limite, 31 de agosto de 2021.

Em finais de agosto de 2021 o mundo assistiu à retirada caótica das Forças Aliadas, que ficou também marcada pelo ataque suicida do ISIS-K (grupo afiliado do grupo terrorista Daesh) junto ao Aeroporto Internacional Hamid Karzai, em Cabul: morreram 170 afegãos e 13 jovens soldados norte-americanos. Imagens de pânico, desespero e violência correram a imprensa mundial. O documentário da HBO *Escape from Kabul* (2022) é fiel aos acontecimentos, demonstrando o horror vivido. No meio do caos, as forças militares norte-americanas conseguiram retirar 124 000 pessoas do país.

Foram 20 longos anos de combate e perdas militares que terminaram com o que se pretendia evitar: os talibãs voltaram ao poder e o Afeganistão está novamente imbuído num regime violento e opressor. As consequências da retirada são diversas, abrangendo um enredo complexo de questões geopolíticas, securitárias, humanitárias, migratórias e económicas. Por exemplo, estima-se que uma quantidade avultada de armas e explosivos, provenientes das Forças Ocidentais, terão caído nas mãos dos talibãs. Uma outra consequência da guerra é a situação dos afegãos que trabalharam junto das Forças Americanas e Aliadas durante a guerra. Uma das ajudas mais visíveis e conhecidas incide sobre os tradutores/intérpretes afegãos. É deles que vos quero falar.

Os tradutores são fundamentais: em diversas circunstâncias, o seu trabalho permitiu evitar a morte de civis e militares. No entanto, o apoio prestado colocou estes indivíduos, e as suas famílias, numa posição de risco extremo, na mira dos talibãs. Após a tomada do poder, centenas foram ameaçados, brutalmente torturados, perseguidos e mortos a tiro. Outros permanecem no país, vivendo em localizações secretas, com medo de serem capturados. A relevância do seu contributo já atraiu Hollywood com a produção de filmes inspirados em histórias reais, tais como *Kandahar* e *The Covenant*, ambos de 2023, que retratam as dificuldades sofridas.

Segundo dados da Casa Branca, estima-se que o programa norte-americano *Operation Allies Welcome* (2021), renomeado *Enduring Welcome* em 2022, tenha já conseguido "acolher" aproximadamente 100 000 afegãos nos EUA desde a retirada das forças militares. Estas estatísticas parecem-nos discutíveis – acolhimento em que sentido? Seja como for, há uma evidência clara: três anos depois (2024), estima-se que ainda estejam milhares no Afeganistão. Em 2021 o Departamento de Estado norte-americano contabilizou mais de 60 000 de tradutores requerentes de asilo no país.

A Association of Wartime Allies (AWA) – uma associação criada em 2019 por veteranos norte-americanos com o objetivo de apoiar iraquianos e afegãos que trabalharam com o Governo – é categórica: "*The majority of our wartime allies have been left behind.*" Deixámos os nossos aliados para trás. Para muitos tradutores, este abandono revelou-se em um "ato de traição".

A situação é dramática e os números são avassaladores. Como dar apoio e refúgio a tantos? Como acolher? Apesar da emergência para a concessão de asilo e dos esforços de veteranos e da sociedade civil, o sonho americano continua a ser um caminho longínquo para os tradutores e as suas famílias. O processo para a obtenção de asilo é complexo, sendo também dificultado pela burocracia governamental, pautada pelos traumas da Guerra Contra o Terror. O caso do tradutor afegão Zalmay Niazy é ilustrativo.

Niazy chegou aos EUA em 2014 a propósito de um convite por parte das forças militares norte-americanas. A saída do território afegão resultou no aparecimento de ameaças de morte dos talibãs contra os seus pais. O seu tio já havia sido assassinado pelo grupo. Perante os ultimatos e o peso de uma decisão difícil, Niazy escolheu ficar em solo americano e pedir asilo político. A entrevista com os agentes de imigração durou 7 horas.

O pedido foi recusado. Porquê? O Governo norte-americano acusou-o de ter estado envolvido em atividades terroristas porque, durante a infância, ofereceu um pedaço de pão a um talibã, sob coação e ameaças de morte contra a família. Esta situação, vivida por uma criança de 8 ou 9 anos, foi o suficiente para arrastar o processo de pedido de asilo durante anos, mesmo tendo o afegão trabalhado mais de 10 anos junto das Forças Aliadas. O trabalho, a simpatia e o empreendedorismo de Niazy moveu a comunidade de Iowa: "Ele é provavelmente mais Americano do que algumas pessoas que nasceram aqui", declarou um americano em entrevista à CBS. O pedido de proteção humanitária foi-lhe concedido, mas chegou apenas em 2023, 9 anos depois de aterrar nos EUA.

> "Os tradutores afegãos são nossos Aliados – isso é uma realidade irrefutável. É nosso dever apoiá-los. O que fazer quanto aos restantes e as suas famílias? A sua situação é apenas uma das consequências desta longa guerra."

Os tradutores afegãos são nossos Aliados – isso é uma realidade irrefutável. É nosso dever apoiá-los. O que fazer quanto aos restantes e as suas famílias? A sua situação é apenas uma das consequências desta longa guerra. Como proteger as mulheres e crianças diariamente oprimidas e abusadas? Para onde caminha o Afeganistão? À exceção da Rússia, nenhum Estado soberano reconhece o Governo talibã.

Três anos depois da retirada das Forças Aliadas, o país continua a servir de santuário para grupos terroristas como a Al-Qaeda e o Daesh, com destaque para as atividades do afiliado ISIS-K, vivendo uma situação profundamente preocupante e trágica do ponto de vista humanitário.

Este artigo pretende ser, sobretudo, um alerta para uma situação dificílima. Em 2024, é tempo de deixar os discursos de culpabilização, mas atuar no sentido da proatividade, fazer balanços, traçar lições aprendidas e delinear possíveis soluções. Permanecer vigilantes, com *intelligence* relevante.

É possível discutir a pertinência do início da guerra e reconhecer que o objetivo final não foi bem-sucedido, mas também é importante não esquecer os esforços incansáveis que foram feitos ao longo dos anos, e honrar as vítimas. O trabalho de todos os militares e civis que estiveram ao serviço da ISAF (Força Internacional de Apoio à Segurança) e da Resolute Support Mission (RSM) – missões nas quais Portugal esteve empenhado – merece o nosso inteiro respeito. Valorizar os esforços coletivos é uma marca fundamental da comunidade Ocidental. Em nome da segurança, paz e da estabilização da região, as soluções para o futuro do Afeganistão não devem perder essa matriz.

Investigadora associada do IPRI-Nova, com investigação dedicada ao terrorismo e contraterrorismo.

Fábio Vieira ao lado de Jorge Costa e Zubizarreta.

FC PORTO

Conceição quer ganhar títulos na Juventus.

JUVENTUS

Fábio volta ao ritmo dos Oasis e Conceição na *Juve* após conselhos do pai

MERCADO Dia agitado no FC Porto. Fábio Vieira chega cedido pelo Arsenal até final da época, com os dragões a suportarem salários. Francisco sai por empréstimo e rende já sete milhões de euros.

TEXTO **NUNO FERNANDES**

Momentos antes de a Juventus tornar ontem oficial a contratação por empréstimo de Francisco Conceição até ao final da época, o FC Porto publicava nas redes sociais uma mensagem a anunciar que Fábio Vieira estava a chegar para assinar, associando a notícia ao regresso da banda Oasis ao ativo: "'This is it, this is happening'. Não são só os Oasis que regressam hoje…"

Momentos depois, o médio de 24 anos aterrava no aeroporto Francisco Sá Carneiro vestido com a camisola 10 do FC Porto… que pertencia a Francisco Conceição. O anúncio oficial surgiu perto da hora do almoço, com várias fotos nas redes sociais do clube ao lado de Jorge Costa e Andoni Zubizarreta, os homens fortes do futebol portista.

Fábio Vieira regressa ao Dragão dois anos depois de ter sido vendido ao Arsenal por 35 milhões de euros. As oportunidades no clube inglês não foram muitas, e por isso os londrinos aceitaram cedê-lo ao FC Porto, onde permanecerá até ao final da temporada, mas sem cláusula de compra obrigatória. A SAD portista, contudo, pagará uma taxa de empréstimo e irá suportar na íntegra os salários do jogador, na ordem dos 1,5 milhões de euros limpos. Segundo foi possível apurar, no contrato há uma cláusula de obrigatoriedade de alinhar em pelo menos 50% dos jogos.

Em Itália, na cidade de Turim, a Juventus já tinha anunciado a chegada de Francisco Conceição, num negócio que contempla um empréstimo até ao final da época, a troco de sete milhões de euros, aos quais se podem juntar mais três mediante variáveis. Mas a Juventus não ficará com direito de opção de compra.

Francisco Conceição, de 21 anos, será o 10.º português a representar a Juventus, recordista de títulos de campeão em Itália (36) e atual líder da Serie A, juntando-se ao defesa central Tiago Djaló, contratado em janeiro aos franceses do Lille.

O jovem extremo segue assim as pisadas do pai Sérgio, rumando ainda jovem para a liga italiana – Sérgio Conceição representou durante cinco épocas e meia Lazio, Parma e Inter Milão. "O meu pai disse-me que o campeonato italiano na altura dele era *top*, muito forte, com os melhores jogadores do mundo. E que neste momento continua a ser um campeonato muito competitivo, atraente, com grandes jogadores e uma liga em que todos os jogadores querem jogar", referiu na apresentação, não escondendo que o objetivo é "conquistar títulos."

Alarcón chegou para assinar

Mas a menos de uma semana do encerramento do mercado, o dia reservou mais novidades no FC Porto. Sensivelmente a meio da tarde aterrou na Invicta o espanhol Ángel Alarcón, extremo de 20 anos que chega do Barcelona e deve começar por se mostrar na equipa B, mas que é visto pelos responsáveis como um jogador de grande potencial.

Alarcón mostrou-se nas camadas jovens do Barcelona e chegou a ser integrado nos trabalhos de pré-época do clube, mas devido a lesão não integrou a digressão aos EUA. Na temporada 2022-23 chegou a realizar quatro jogos pela equipa principal.

Ontem ficou também acertada uma outra saída. O avançado Toni Martínez foi contratado pelo Alavés, assinado um contrato de quatro temporadas com o 16.º classificado da Liga espanhola. A transferência rende já dois milhões de euros fixos aos cofres da SAD portista, podendo ainda, mediante variáveis, atingir mais 2,025 milhões de euros.

Toni Martínez fez 32 golos e sete assistências em 140 jogos pelo FC Porto, ao qual tinha chegado em 2020/21, oriundo do Famalicão, por 3,2 milhões de euros, mas nunca se impôs nas opções iniciais.

nuno.fernandes@dn.pt

Amdouni reforça ataque do Benfica

O avançado suíço, Zeki Amdouni, vai ser reforço do Benfica e é esperado hoje em Lisboa para realizar os habituais testes médicos e assinar um contrato de um ano de empréstimo. Amdouni, que esteve em representação da seleção helvética no Euro2024, chega cedido pelo Burnley, clube inglês que foi despromovido à II Liga, a troco de sensivelmente uma taxa de três milhões de euros. Por definir está se no contrato vai ficar estipulada uma cláusula de compra obrigatória, de aproximadamente 15 milhões de euros.

O jogador já tinha estado no radar do Benfica no verão de 2023, quando ainda alinhava do Basileia, da Suíça (marcou 22 golos em 52 jogos), mas na altura optou por rumar ao Burnley para cumprir o sonho de jogar na *Premier League*. Só que em Inglaterra as coisas não lhe correram bem, marcando apenas seis golos em 37 desafios e acabando por ver o clube despromovido ao Championship.

Zeki Amdouni, que pode atuar em várias posições do ataque, embora com tendência para o corredor central, será assim o quinto reforço do Benfica para a nova época, depois de Renato Sanches (cedido pelo PSG), Pavlidis (ex-Vitesse, 18M), Beste (ex-Heidenheim, 8M), Leandro Barreiro (Mainz, custo zero).

Por definir estão ainda as saídas de Arthur Cabral e João Mário. O avançado brasileiro está a ser cobiçado pelo Corinthians, mas ainda não existe acordo entre os clubes, até porque os brasileiros pretendem um empréstimo. Quanto ao médio português, este já terá um entendimento com o Besiktas, da Turquia, mas falta também neste caso que a SAD do Benfica e os dirigentes do clube turco cheguem a um entendimento. **N.F.**

Paris2024. Portugal com a segunda comitiva mais curta de sempre

PARALÍMPICOS A missão portuguesa composta por 27 atletas desfila hoje na cerimónia de abertura dos Jogos, que a organização pretende que sejam "os mais espetaculares de sempre."

TEXTO **CARLOS NOGUEIRA**

TIAGO PETINGA/LUSA

Diogo Cancela e Margarida Lapa serão os porta-estandartes da missão de 27 atletas portugueses em Paris.

Portugal vai apresentar-se nos Jogos Paralímpicos Paris2024, que decorrem a partir de hoje até 8 de setembro, com a segunda comitiva mais pequena de sempre. São apenas 27 atletas, entre os quais os dois medalhados de Tóquio2020 – o canoísta Norberto Mourão e o lançador do peso Miguel Monteiro. Só em Seul1988 foi mais pequena, pois estiveram na capital da Coreia do Sul 13 atletas, que conquistaram 14 das 94 medalhas (25 de Ouro, 30 de Prata e 39 de Bronze) nas últimas 11 edições dos Jogos.

A missão portuguesa vai competir em 10 modalidades, destacando-se as estreias no triatlo e no *powerlifting*, repetindo-se presenças no atletismo, *badminton*, *boccia*, canoagem, ciclismo, judo, natação e tiro, nas quais teve representação em Tóquio, há três anos, depois de os Jogos terem sido adiados um ano devido à pandemia. Nessa altura, Portugal teve a sua participação menos medalhada desde 1972, apenas com duas medalhas de Bronze e 23 diplomas.

Na comitiva para Paris2024, destaque para a quinta participação de Cristina Gonçalves, que vai competir no *boccia*, sendo a única tricampeã paralímpica presente. Já Simone Fragoso compete pela quarta vez nos Jogos, mas desta vez em *powerlifting*, depois de em Pequim2008, Londres2012 e Rio2016 ter participado na natação.

Num grupo com sete estreantes, com 17 atletas do género masculino e 10 do género feminino, Portugal apresenta uma média de idades de 31,3 anos, sendo David Araújo (*boccia*) o mais novo (17 anos) e o ciclista Luís Costa, que esteve no Rio e Tóquio, o mais velho, com 51. Nos Jogos Paralímpicos Paris2024, cujo programa contempla 22 desportos, o *boccia* é a modalidade mais representada, com sete atletas – em competições individuais de várias categorias e em equipas BC1 / BC2 –, seguida do atletismo (6) e da natação (4).

4400 atletas e 559 provas

A veterana e medalhada Cristina Gonçalves lidera a seleção de *boccia*, à qual se juntam os estreantes Ana Correia, José Gonçalves e David Araújo, e os repetentes André Ramos, Carla Oliveira e Ana Sofia Costa. Nas provas de atletismo, Mamudo Baldé é o único estreante, numa equipa que conta com Miguel Monteiro, medalhado dm Tóquio, e com os também repetentes Carolina Duarte, Ana Filipe, Carina Paim e Sandro Baessa. Já Miguel Monteiro, Carolina Duarte e Sandro Baessa chegam às competições de atletismo depois de terem sido vice-campeões mundiais de atletismo, em maio, na cidade japonesa de Kobe.

Marco Meneses, Diogo Cancela – ambos com medalhas em Europeus e Mundiais –, Daniel Videira e o estreante Tomás Cordeiro vão competir na natação, uma modalidade sem representação feminina. Na canoagem, Portugal terá Alex Santos e Norberto Mourão, bronze em Tóquio, enquanto no ciclismo marcam presença Luís Costa (estrada) e Telmo Pinão (estrada e pista). No judo competem Miguel Vieira, campeão europeu e mundial de -60 kg J1, e Djibrilo Iafa, enquanto no *badminton* estará Beatriz Monteiro e Margarida Lapa fará a sua estreia no tiro.

Tal como acontece desde os Jogos de Seul1988, a competição paralímpica vai realizar-se nas instalações da olímpica, juntando cerca de 4400 atletas, em 559 eventos, de 22 modalidades.

Abertura no centro de Paris

O nadador Diogo Cancela e a atiradora Margarida Lapa serão os porta-estandartes de Portugal na cerimónia de abertura, que se realiza hoje. À semelhança do que aconteceu nos Jogos Olímpicos, pela primeira vez na história a cerimónia será fora do estádio, realizando-se entre os Campos Elísios e a Praça da Concórdia, no centro de Paris, numa festa que deverá contar com a presença de 65 mil espectadores, que vão assistir ao desfile das 185 delegações, entre as quais a portuguesa, que terá como porta-estandartes Diogo Cancela, de 22 anos, e a atiradora Margarida Lapa, de 24.

O Comité Paralímpico Internacional (IPC) e o comité organizador prometem que França será palco da "edição mais espetacular de sempre", porque "não há um parque olímpico fechado e as instalações estão espalhadas pela incrível cidade de Paris", disse recentemente Andrew Parsons, presidente do IPC. **Com LUSA**

BREVES

Ronaldo vai ser homenageado pela UEFA

Cristiano Ronaldo vai ser homenageado amanhã com um "prémio especial", como o melhor marcador de sempre na Liga dos Campeões, durante o sorteio da prova que se realiza na Suíça. "Cristiano Ronaldo, o melhor marcador de sempre da UEFA Champions League, será homenageado com um prémio especial do Presidente da UEFA, Aleksander Ceferin, em reconhecimento do seu notável legado na competição mais prestigiada do mundo", indicou a UEFA. O português terminou sete temporadas distintas na Liga dos Campeões como o melhor marcador, e contabiliza 140 golos em 183 jogos na Champions, competição que venceu cinco vezes, uma pelo Manchester United e quatro no Real Madrid.

Vuelta. Van Aert vence etapa, O'Connor líder

O ciclista belga Wout van Aert (Visma-Lease a Bike) venceu ontem a 10.ª etapa da Volta a Espanha, a sua terceira nesta edição, mas o australiano Ben O'Connor (Decathlon AG2R) conservou a liderança da geral. Depois de vitórias ao *sprint* em Castelo Branco e Córdoba, Van Aert, integrou a fuga do dia e cumpriu os 160 quilómetros entre Ponteareas e Baiona em 3:50.47 horas, três segundos à frente do francês Quentin Pacher, segundo, e 2.01 minutos face ao espanhol Marc Soler, terceiro. Na geral, Ben O'Connor segue líder com 3.53 minutos de vantagem sobre Primoz Roglic (Red Bull-BORA--hansgrohe), segundo, e 4.32 sobre o equatoriano Richard Carapaz, terceiro.

Veneza 81 – Tim Burton abre um festival com estrelas pouco faladoras

FESTIVAL Arranca hoje com *Beeltejuice Beetlejuice* a Mostra de Cinema de Veneza, um festival em alta e que este ano tem Winona Ryder, Joaquin Phoenix, Tilda Swinton, Antonio Banderas, Brad Pitt, Angelina Jolie, entre outros, numa passadeira vermelha mediática. O DN acompanha o certame até dia 7.

TEXTO **RUI PEDRO TENDINHA,** EM VENEZA

Um festival com estrelas voltadas de costas para a imprensa. É este o tema, a teima, do Festival de Veneza edição 81. Depois de no ano passado a greve dos atores também ter tirado *star power* à Mostra, agora é a tendência de os atores não darem entrevistas, apenas limitam-se à passadeira vermelha e à formalidade da conferência de imprensa. Há duas razões fortes: a primeira, o custo exorbitante de hotéis de cinco estrelas em Veneza – quanto menos tempo estiverem pelo Lido, menos as *majors* de Hollywood têm despesas; a segunda, alguns dos filmes ainda não estão comprados e os produtores não estão para pagar do seu bolso as despesas de promoção. Resultado: imprensa descontente

***Beetlejuice Beetlejuice*, o filme que abre a Mostra. Filme de outros tempos para público destes tempos.**

e protestos com comunicados,com queixas e interrogações. Afinal, que raio de festival é esse que traz George Clooney, Lady Gaga, Daniel Craig, Michael Keaton, Angelina Jolie, Nicole Kidman e Brad Pitt e ninguém os pode entrevistar?

Mas a edição 81 de um festival que quer ser maior do que Cannes tem trunfos, muitos trunfos, mesmo quando se percebe à entrada que há uma competição oficial desequilibrada, um número exagerado da prata de casa – Veneza está estupidamente condescendente com o cinema italiano – e uma vénia excessiva às séries de televisão: as novas de Joe Wright, Nicolas Widing Refn e Alfonso Cuarón passam como se fossem filmes em *prime-time* da competição. Ou seja, no caso de *Disclaimer*, do cineasta mexicano, pede-se aos acreditados que vejam os sete episódios da série da AppleTv+ em duas sessões que roubam muitas horas e tantos outros filmes de outras secções. É caso para se pensar se Veneza não deveria ser mais comedida neste *flirt* aos produtos do *streaming* e da televisão.

O *filet mignon* americano

Ainda assim, os pratos fortes são os filmes americanos, como quase sempre no reinado do diretor Alberto Barbera, o verdadeiro responsável por Veneza estar tão na mó de cima e numa lua-de-mel com *streamers* como a Netlfix e a Apple, coisa que em Cannes o Governo francês não permite. Um prato que trará aos canais locais gente como Julianne Moore, Tilda Swinton, Joaquin Phoenix, Brad Pitt, George Clooney, Kevin Costner, Daniel Craig, Nicole Kidman e tantos outros. A nível de estrelas não está nada mal, mas há algum pé atrás com alguns dos filmes propostos. Será que faz sentido *Joker - Loucura a Dois*, de Todd Philipps, estar na competição, sendo uma sequela? Ao que parece faz mais do que sentido: o estado de graça do primeiro filme permite créditos e este. Assumindo-se como musical, é filme claramente de prestígio de grande festival.

Dúvida legítima, porquê Justin Kurzel em competição? Será que os anteriores fiascos *Nitram* e *Assassin's Creed* já não o deviam ter excomungado destas lides? E também é de desconfiar do norueguês Dag Johan Haugerud, que em *Love* parece estar na competição principal apenas para cumprir a quota nórdica. A desconfiança vem do facto de no ano passado ter havido deceção com *Terra Prometida*, de Nicolaj Arcel.

> Depois de no ano passado a greve dos atores também ter tirado *star power* à Mostra, agora é a tendência dos atores não darem entrevistas, apenas limitam-se à passadeira vermelha e à formalidade da conferência de imprensa.

Ainda assim, expectativas no limite para *Queer*, de Luca Guadagnino, *Maria*, de Pablo Larraín, *Ainda estou aqui*, de Walter Salles, *Baby Girl*, de Halina Reijn e, sobretudo *The Room Next Door*, de Pedro Almodóvar, a sua primeira longa em inglês, com Julianne Moore e Tilda Swinton. A quota do mediatismo é cumprida por *Lobos Solitários*, de Jon Watts, comédia de ação que passa fora-de-competição, em especial para trazer a dupla George Clooney/Brad Pitt, filme que, por sinal, já não estreia nos cinemas fora dos EUA – no final de setembro chega globalmente à AppleTv+ –, mas também com documentários sobre Yoko Ono, John Lennon, a terra daqui a uma década, cortesia de Asif Kapadia, os *Pavement* e a China de hoje por Wang Bing, neste caso na segunda parte da trilogia iniciada em Cannes por *Primavera*.

Abertura com fantasmas dos anos 80

A abrir o festival, obviamente fora-de-competição, a comédia fantasmagórica de Tim Burton, *Beetlejuice Beetlejuice*, uma sequela do êxito dos anos 80 a tentar capitalizar a nostalgia dos fãs agora bem adultos. Mas Burton parece ter feito um filme a piscar o olho aos fãs do novo terror, não sendo por acaso que a estrela jovem é Jenna Ortega, a Wednesday de *Wednesday*, a série fenómeno da Netflix. Será sobretudo um momento para as redes sociais quando o realizador desfilar no tapete com a estrela italiana Monica Bellucci – eles são o casal da moda e aqui, a atriz interpreta a vilã. Uma abertura gótica que poderá ter problemas de estar um nadinha requentada e cuja estreia para a semana já poderá ser julgada pelo público português nas salas de todo o país.

Cinema feminino português

Do cinema feito em Portugal, na secção Dias de Autores, destaque para *Sempre*, de Luciana Fina, a partir da sua instalação feita sobre o 25 de Abril na Cinemateca. Acaba por ser um filme sobre imagens, de ficção e documentais, de uma memória que hoje é combustível de uma ideia de resistência e ativismo – a realizadora italiana integra filmagens dos nossos dias de manifestações de causas diversas. Cinema militante? Dir-se-ia antes cinema exploratório a tentar edificar pontes entre a moldura do passado e a ação de um presente que personifica o futuro. Dentro desse conceito do "filme de arquivo", *Sempre* está antes mais perto do chamado "filme de arte", mesmo quando serve de serviço público para não nos fazer esquecer de uma revolução que nos livrou do fascismo mais criminoso. Mas Luciana Fina, por estar entre Portugal e Itália, correlaciona o fascismo português com o italiano, não sendo por acaso que pelo meio surja uma frase de Nanni Moretti que convoca Otelo Saraiva de Carvalho.

Também na mesma secção e fora-de-competição, uma curta de Cláudia Varejão, *Kora*, crónica de mulheres refugiadas em Portugal a partir das suas dores. Sob a música de Joana Gama, a câmara segue-as através das palavras das suas memórias e de retratos. Tudo a preto & branco, tudo com a mais correta das éticas do retrato daqueles que não têm visibilidade. Será exibido já esta sexta-feira.

Cláudia Varejão
A princesa do Lido

CURTA Dois anos depois de *Lobo e Cão*, *Kora* é o filme que marca o regresso de Cláudia Varejão ao Lido. Uma curta para dar visibilidade a refugiadas que parecem invisíveis nesta Lisboa de hoje.

Veneza funciona como um talismã para o seu cinema?

É mais uma coincidência. *Lobo e Cão* teve uma seleção natural nos Dias de Autores. Quando o terminei, não me apeteceu muito entrar no sistema mais comum dos festivais, ir para a competição e tudo o mais. Preferi antes que fosse fora de competição, que tivesse uma atenção mais serena em função da temática. Portanto, apenas enviei o filme para a diretora da secção Dias de Autores, com quem tinha mantido uma boa relação. Há pouco referi coincidência mas não, quis mesmo tentar que um filme que fala sobre questões humanas mais elevadas não se sujeitasse a esse esquema mais clássico do festival que nos põe todos a competir. Enfim, uma outra sensatez.

Cláudia Varejão
Realizadora

O que há de comum nestas mulheres refugiadas?

Diria que, para além do carimbo de serem refugiadas,serão as memórias que provavelmente vão atravessar para sempre as suas vidas. Isso e dor e trauma. São mulheres que tiveram de sair à força do sítio onde nasceram, cresceram e onde queriam continuar. Não foi uma escolha sair e as emoções que essa obrigação traz são comuns na vida de todas elas.

Para onde sente que o seu cinema está a ir, sobretudo depois de *Lobo e Cão*?

Estou num momento de reflexão e a trabalhar para uma próxima longa, não sei ao certo. Tenho dois compromissos, isso sei. Um é com as mulheres, o outro é eventualmente com pessoas *queer* que não vivem nos centros normativos das sociedades. E aí, claro, não podemos deixar de falar das questões de direitos humanos. Isso irá acompanhar para sempre o meu trabalho. Como a vida não é muito longa, estes vão ser provavelmente os focos do meu trabalho. **R.P.T.**

O cinema de Cláudia Varejão sem a pressão da competição...

José Pedro Gomes e Aldo Lima são *Amigos da Treta* no Teatro Villaret

ESPETÁCULO Saga começou em 1997 com *Conversa da Treta*, então com António Feio.

A peça *Amigos da Treta* volta a trazer para o palco José Pedro Gomes enquanto Zezé, agora com a companhia de Aldo Lima como Joni, no novo espetáculo da série, que se estreia amanhã, no Teatro Villaret, em Lisboa.

Joni é um velho amigo de Zezé e Toni (personagem do projeto inicial *Conversa da Treta*, protagonizada por José Pedro Gomes e António Feio) que, durante quase 30 anos, "andou escondido a fazer Erasmus, em Almada", disse Aldo Lima, sem deixar de sorrir, à imprensa, num ensaio dias antes da estreia.

Joni é um *enfluencer* que ganha a vida a fazer vídeos para o "*TokTok* e o *Instafei*".

Com uma linguagem repleta de erros de português – Constituição surge como *Constitucionalização*, Reforma Agrária como *Reforma Algália* e Revolução dos Cravos como *Revolução do Catos* – Zezé e Joni surgem sentados numa cadeira, de onde pontualmente se vão levantando, preenchendo parte do palco.

Com um MBA (*Master Business Admiration*, na versão da peça) em Inteligência Artificial, Joni pretende constituir um novo organismo, SNE (Serviço Nacional de Enfluencer), que obrigaria à criação de uma nova Secretaria de Estado.

Já Zezé parece não ter dado pela passagem do tempo: surge com os mesmos valores, sem admitir que agora "elas possam ser eles e eles possam ser elas", mantendo-se firme e orgulhoso na defesa de uma família tradicional – "um homem, um bigode, uma mulher e as hipotecas, que são os filhos".

Questionados sobre se ainda há "muita treta" para falar, José Pedro Gomes responde: "Então não há. Claro que há. E vai havendo cada vez mais. É só uma questão de a gente parar um bocadinho e sentarmo-nos (...) com os autores e a produtora para vermos o que é que temos para fazer. E há sempre coisas novas, sim", riposta aos jornalistas.

Sobre o facto de a saga das tretas já ir em várias temporadas – começou em 1997 com *Conversa da Treta* e, já depois da morte de António Feio, em 2010, foi dando lugar a *Filho da Treta* e *Casal da Treta*, José Pedro Gomes afirmou que é "muito bom", tratando-se sempre de "um novo desafio".

A peça estará em cena de amanhã a sábado, às 21.00 horas, e, ao domingo, às 18.00, até 13 de outubro, e, às 17.00 horas, a partir de 20 de outubro.

DN/LUSA

José Pedro Gomes volta ao papel de Zézé e Aldo Lima é Joni.

Mural de Liam e Noel Gallagher em Manchester, a cidade natal dos irmãos que formaram os Oasis.

PAUL ELLIS / AFP

Oasis. Irmãos Gallagher estão de volta e anunciam *tour* para 2025

MÚSICA 15 anos depois da separação, a banda de Manchester regressa com espetáculos no Reino Unido. Mas *tour* deve sair da Europa.

O grupo de *rock* britânico Oasis anunciou ontem o regresso para uma *tour* em 2025, após a reconciliação entre os irmãos Noel e Liam Gallagher, 15 anos depois da separação da banda devido a uma briga no camarim antes de um espetáculo.

Os fãs sempre acreditaram no regresso da banda, após anos de boatos e apesar da troca de farpas constante entre os irmãos, responsáveis por clássicos dos Anos 1990, como *Wonderwall* e *Don't look back in anger*.

Ontem, as redes sociais da banda publicaram um vídeo para confirmar as especulações dos últimos dias: "*This is it. It's happening!*" (É isto. Está a acontecer!).

"As armas silenciaram. As estrelas alinharam-se. A grande espera acabou. Venham ver. Não vai passar na televisão", destacou a banda numa mensagem com uma fotografia dos irmãos.

O *tour* começará a 4 de julho em Cardiff, País de Gales, e depois seguirá para a cidade natal dos Gallagher, Manchester, com mais quatro apresentações.

Depois, o grupo fará quatro espetáculos no emblemático estádio londrino de Wembley, seguidos por apresentações em Edimburgo e na capital irlandesa, Dublin. "Os seus únicos espetáculos na Europa no próximo ano. Será um dos maiores momentos ao vivo e com os bilhetes mais disputados da década", afirma o grupo em comunicado. "Planos estão em curso para que Oasis Live '25 vá para outros continentes fora da Europa no final do próximo ano", acrescenta a nota.

Os bilhetes para os primeiros espetáculos estarão à venda a 31 de agosto a partir das 9.00 horas.

O anúncio do *tour*, que promete apresentações "cheias de clássicos", acontece 30 anos após o primeiro álbum do Oasis, *Definitely Maybe*, lançado a 29 de agosto de 1994. Para celebrar o aniversário, o grupo já tinha planeado lançar versões inéditas de algumas canções do álbum, registadas durante as primeiras gravações de estúdio.

> Apesar do sucesso, o grupo sempre foi marcado pela relação tempestuosa entre Liam, vocalista, 51 anos, e Noel, guitarrista e compositor, de 57.

Após o grande sucesso de *Definitely maybe*, os Oasis alcançaram o pico da popularidade um ano depois com *(What's the story) morning glory?*, que inclui *hits* como *Wonderwall*, *Don't look back in anger* e *Champagne supernova*.

Apesar do sucesso, o grupo sempre foi marcado pela relação tempestuosa entre Liam, vocalista e com 51 anos, e Noel, guitarrista e compositor das músicas, de 57 anos.

O fim da banda, formada em 1991, aconteceu a 28 de agosto de 2009, após uma briga entre os irmãos no camarim do festival Rock en Seine de Paris. A briga entre os dois, que incluiu uma guitarra partida, provocou o cancelamento do espetáculo e a separação do grupo que mantinha uma rivalidade com os Blur para ocupar o posto de principal nome do *britpop*.

DN/LUSA

Os problemas da antiga geração foram alvo de atenção da Tesla: melhorou materiais e montagem.

Tesla Model 3 Performance: Uma agradável surpresa

AUTOMÓVEL Apesar de não sermos fãs do *design* da anterior geração do Model 3, não podemos ignorar o seu incontestável sucesso. Entre 2018 e 2020 foi o automóvel elétrico mais vendido no mundo.

TEXTO E FOTOS **FERNANDO MARQUES** / *MOTOR24*

Embora tenha estabelecido as regras para os carros elétricos na altura, não era isento de críticas. Desde montagem e acabamentos com qualidade sofrível, até má insonorização do habitáculo, eram vários, os problemas reportados pelos compradores. Passados seis anos desde a introdução do Tesla Model 3, a atualização que já era devida pode parecer apenas uma operação cosmética, mas é na realidade mais profunda do que isso.

No exterior, damos as boas vindas à nova frente e assinatura luminosa. A traseira também viu os farolins serem redesenhados com um *design* que melhorou a aerodinâmica, e apesar de não ser revolucionário, é aquele que, na nossa opinião, o Model 3 deveria ter tido desde o início.

Na nova geração, os problemas referidos foram alvo da atenção da Tesla, que melhorou a qualidade dos materiais e respetiva montagem, resolvendo ainda a questão do ruído proveniente do exterior com para-brisa e vidros duplos na frente.

Para entrar no Model 3 basta aproximar a chave semelhante a um cartão de crédito do pilar central, ou ter a aplicação da Tesla instalada no *smartphone*, que pode ficar no bolso. No interior reina o minimalismo com a eliminação praticamente total de botões físicos, que foram digitalizados para o monolítico ecrã de infoentretenimento com 15,4 polegadas. Até o sentido de marcha é escolhido ao deslizar o dedo no painel, bem como o travão de parqueamento.

Sentimos falta de um painel de instrumentos – que muitos donos do modelo acabam por comprar de fabricantes terceiros e montar –, para verificar informação básica como a velocidade, mas não foi o que nos causou maior transtorno durante a condução. Também as hastes na coluna de direção foram vítimas do minimalismo da Tesla que colocou botões para os piscas no volante e reinventou uma funcionalidade aperfeiçoada há décadas: sempre que pretendemos sair numa rotunda não fomos capazes de assinalar a intenção, pois o braço do volante com o botão passa para o lado oposto. Algo que não é só uma questão de hábito, ao contrário do que nos tentam convencer.

Não há quem tenha um amigo, ou conhecido, dono de um Tesla, que não glorifique tudo o que é possível fazer através da aplicação. Orgulhosos, mostram como a partir do *smartphone* veem a localização do carro, acionam a buzina, abrem a bagageira, programam o carregamento da bateria. De facto, o ecossistema da marca é possivelmente o melhor do mercado, ao integrar a rede de carregamento no sistema de navegação e permitir programar uma viagem sem percalços.

O que tem o Model 3 Performance de diferente? Ganha um emblema igual ao que vemos nas versões Plaid do S e do X, pelo que se assume à partida que terá um nível de desempenho superior ao normal. Efetivamente, passa a ter dois motores elétricos e uma potência de 460cv, o que lhe permite fazer dos 0-100km/h em apenas 3,1 segundos. Estamos em território de carros superdesportivos.

> O ecossistema (*software*) da marca é possivelmente o melhor do mercado, integra a rede de carregamento no sistema de navegação e permite programar uma viagem sem percalços.

Para lidar com a potência acrescida, o chassis foi melhorado, os travões foram sobredimensionados e a suspensão é agora adaptativa. Para aceder à entrega total da *performance* deste Model 3, é preciso ativar o novo modo exclusivo Pista V3. Foi uma agradável surpresa verificar que esta versão já não impressiona apenas a andar em frente. É agora possível escolher uma boa estrada de montanha e "castigar" o sistema de travagem sem que este ceda no final das primeiras curvas.

As afinações do *chassis* juntamente com a suspensão adaptativa controlam com eficácia a transferência de massas em curva e nem parece que estamos a conduzir um automóvel com duas toneladas. Além disto, ainda é possível transportar até cinco pessoas que têm um ecrã dedicado para a fila de trás com 8 polegadas – onde até é possível ver Netflix ou YouTube –, com amplo espaço na bagageira.

Apesar de questionarmos se o nome *Autopilot* não será enganador, o sistema de assistência ao condutor tem um dos melhores conjuntos de funcionalidades da indústria, com um funcionamento suave e capacidades impressionantes, como as mudanças automáticas de faixa.

Durante o nosso teste obtivemos uma média de consumo de 16,8kWh, que com a bateria de 75kWh daria para uma autonomia de 446km, abaixo dos 528 anunciados pela marca. Com um preço a partir de 57 490 euros, não é possível comprar um automóvel novo, elétrico ou não, com esta *performance*, por este valor.

O DN DE HÁ CEM ANOS

AS NOTÍCIAS DE 28 DE AGOSTO DE 1924 PARA LER HOJE

ARQUIVO DN **CRISTINA CAVACO**, **LUÍS MATIAS** E **SARA GUERRA**

OS BRAVOS DE NAULILA

A GLORIFICAÇÃO DUM HERÓI

O sr. ministro da Guerra entregou ontem ao bravo oficial Francisco Aragão o estandarte e as insignias de Valor Militar conferidas ao 1.° esquadrão de dragões de Angola

Toda a terra de Africa, terra portuguesa, descoberta e conquistada pelos portugueses—é hoje o mais belo, o mais vivo e o mais grandioso patrimonio do heroismo da raça. A bem dizer não ha um palmo de terreno que não tenha sido regado pelo sangue dos nossos soldados. Já muito se tem escrito sobre as campanhas de Africa. Mas falta uma historia completa, definitiva e perfeita, —livro que sendo ontem e sendo de hoje o futuro completará—onde se tracem gloriosamente os calvarios dolorosos das nossas tropas, lutando contra o inimigo, que é um fantasma ou uma fera embuscada no mato, lutando contra a sêde que lhe queima o sangue, caminhando a marchas forçadas através dos matos, das sebes, dos inimigos e dos desertos.

Toda a loucura vermelha, miragem estonteadora, tragica e frenetica em que a morte não é apenas o inimigo.

O inimigo—é a fome. O inimigo—é a terra adusta, o sol calcinante, a traição que espreita a todas as horas o soldado que a milhares de léguas da sua Patria luta por ela, muitas vezes abandonado e esquecido.

Se não fôssem as espadas vibrantes dos oficiais portugueses, desde a de Mousinho de Albuquerque, ebrio de gloria e de sangue, que renovou em Africa Alcacer-Kibir até á do bravo tenente, hoje major Francisco de Aragão, que em Naulila rompeu, á frente dos seus dragões, as colunas do inimigo—a Africa portuguesa já ha muito se teria perdido.

Ontem o general sr. Vieira da Rosa —outro heroi que em Mangua se cobriu de gloria, como os herois antigos de cavalaria, cheio de elegancia, de garbo e de majestade, enquanto os soldados em quadrado cantavam a «Portuguesa», loucos de entusiasmo—reviveu ontem o 18 de dezembro de 1914—Naulila!

O major Francisco de Aragão recebeu ontem das mãos do sr. ministro da Guerra o estandarte do 1.° esquadrão dos dragões de Angola, condecorada com as insignias do Valor Militar.

Foi este esquadrão que em Naulila, comandado por Francisco de Aragão, carregou sobre os alemães, apesar do seu numero ser três vezes superior ao das nossas tropas, conseguindo assim aliviar durante uma hora o campo de batalha, dando tempo a que tomassem posições de retirada. Francisco de Aragão, que atacou pela rectaguarda a coluna do inimigo, ficou esmagado entre duas colunas, depois de ter combatido gloriosamente, apesar de muito ferido.

A cerimonia, apesar de simples, foi

*

(*Continua na 2.ª pagina*)

A entrega da bandeira dos dragões de Mossamedes ao major Aragão

A GRANDE CORRIDA DE BENEFICENCIA

levou ontem á Praça do Campo Pequeno cerca de dez mil pessoas

SIMÃO DA VEIGA (FILHO) «REJONEANDO» — MAERA NUM PASSO DE «RODILLAS»

O TOURO SUBJUGADO PELO ESPADA ESPANHOL — O CHEFE DO ESTADO CONDECORANDO MAERA

Depois da ultima corrida em Salvaterra de Magos, romantica e tragica, com a casaca negra do velho conde de Arcos, revoluteando ao sol, sob o silencio pesado da praça inteira, que minutos antes se levantara num frémito de horror vendo morrer, esfarrapado, o conde filho, nas hastes dum touro—nunca, como ontem, a tourada teve tanta nobresa, tanta galhardia, tanto sol português, tanto caracter campino.

O povo foi livre, caudal de paixões vermelhas e delirantes, como nos antigos tempos em que a plebe se precipitava na arena, acabando o touro ás punhaladas, depois de Carlos V, de Filipe IV, do duque de Anjou, que mais tarde foi rei de Espanha, com o nome de Filipe V, terem andado entre os espadas, volteando muletas... Eram todos reis! Estilizada ou deformada, a tourada nunca deixou de ser, entre as raças latinas, um espectaculo profundamente popular.

Ontem, ante a elegancia classica dos nossos cavaleiros, que relembraram em audacia todo campeador, em tardes de Toledo, em frente de Maera, que é o corpo mais vivo, mais flexuoso, mais apoteotico da Espanha toureira—o anfiteatro do Campo Pequeno, coberto de 12 mil pessoas, sofreu e combateu, lutou e viveu pelas tradições do toureio português. A autoridade cumpriu a lei. Bandarilheiros e espadas respeitaram-na. Mas nem por isso deixa de ser interessante apenas como nota de reportagem, que marca bem o entusiasmo das 10 mil pessoas que afluiram ontem á praça do Campo Pequeno, secundando assim a bela iniciativa do sr. governador civil, o frémito de alegria, a onda delirante de aplausos que se levantou quando Simão da Veiga (filho) cravou admiravelmente três rojões, sendo o segundo mortal, num touro cheio de nobreza. O sol muito vivo queimava o anfiteatro. Encharcava de côr as capas dos toureiros. Bravos animais escarvavam a areia, rompiam voluntarios, brutais, procurando vencer antes que as bandarilhas lhes rasgassem as carnes. E tudo aquilo foi grande, delirante, alucinando os nervos e as almas. Sangue português e sangue espanhol—sangue irmão, ardente e bravio, romantico e amoroso que tanto corre, generoso e livre na disputa dum coração de mulher, como se desperdiça febril e louco — encontraram-se numa festa cheia de beleza, que teve por objectivo a caridade.

Houve sol, entusiasmo, discussões. Cairam sobre a praça almofadas. Cruzaram diatribes. Mas tudo aquilo prontamente serenou quando Maera em seu «traje de luces», de «muleta» em punho, hipnotizando a praça á força de audacia, cavando em todos os corações aquele silencio fundo que precede as catastrofes e as tragedias, vencia, dominava, brincava com a morte em frente das hastes limpas do touro. Ficam por aqui estas breves impressões. A critica da corrida tem-na o leitor na secção respectiva.

EUROMILHÕES SORTEIO: 069/2024
CHAVE: 1-8-11-42-47 + 4-11
NÃO DISPENSA A CONSULTA DOS RESULTADOS OFICIAIS

Maxi Araújo com cláusula de 80M€ no Sporting

O Sporting oficializou ontem a contratação do extremo uruguaio Maximiliano Araújo, que assinou um contrato de cinco temporadas e ficou com uma cláusula de rescisão de 80 milhões de euros. O jogador chegou do Toluca, do México, já treinou e pode entrar nas escolhas para o clássico de sábado, frente ao FC Porto. "Estou muito feliz por estar aqui, num clube tão grande. Chego cheio de ilusão e com muita vontade. Vou dar sempre o máximo para que possamos continuar a ganhar títulos", disse.

SPORTING CP

Tribunal Constitucional chumba estatutos do PSD

ACÓRDÃO Juízes do TC apontam quatro ilegalidades. Partido refere que vai corrigir estatutos já no próximo congresso, a 21 e 22 de setembro.

O Tribunal Constitucional (TC) recusou os novos estatutos do PSD, aprovados em 25 de novembro do ano passado, e pede ao partido para corrigir quatro irregularidades. Em reação à notícia conhecida ontem, o PSD veio já referir que vai proceder a "correções" aos estatutos rejeitados pelo TC no próximo congresso de 21 e 22 de setembro, e disse já ter previsto essa possibilidade no Regulamento aprovado em Conselho Nacional no início de julho.

Num acórdão datado de 8 de agosto e publicado na página do TC, os juízes decidiram "indeferir o pedido de anotação das alterações aos Estatutos do Partido Social Democrata, aprovadas no 41.º Congresso Nacional, realizado em 25 de novembro de 2023". O TC pede ao PSD que corrija quatro ilegalidades, duas das quais relacionadas com a aplicação de sanções internas, nomeadamente por os novos estatutos remeterem a tipificação de algumas das infrações para um regulamento posterior. "O requerente deve sanar as quatro ilegalidades ora verificadas, sendo essa a condição *sine qua non* da inscrição da nova versão dos Estatutos no registo existente no Tribunal Constitucional", referem os magistrados.

"Por essa ser uma prática normal da interação entre o TC e as revisões estatutárias dos partidos, o PSD já tinha acautelado a necessidade de proceder a essas correções, quando no início do mês de julho aprovou o regulamento do próximo Congresso Nacional, prevendo essas correções", reagiu o partido que lidera a atual coligação de Governo.

No regulamento publicado no *site* do PSD, prevê-se que o primeiro ponto da ordem de trabalhos da próxima reunião magna, que terá lugar em Braga, seja a "aprovação das retificações estatutárias".

O TC não aponta quaisquer problemas às principais alterações introduzidas no último Congresso aos estatutos do PSD, como a realização de uma Convenção Nacional se houver mais do que um candidato a presidente do partido, o fim da obrigatoriedade de ter quota atualizada para se poder votar nas diretas ou a introdução do voto eletrónico, nem à criação do Provedor para a Igualdade, a introdução de quotas de género nas eleições internas ou uma quota da direção para indicação de candidatos a deputados.

DN/LUSA

BREVES

EUA. Invasor do Capitólio leva 4 anos de prisão

Um homem do Estado do Kentucky, que foi o primeiro manifestante a entrar no Capitólio em Washignto, EUA, durante o ataque por apoiantes do ex-presidente Donald Trump, foi ontem condenado a mais de quatro anos de prisão. Um polícia que tentou conter Michael Sparks com gás pimenta descreveu-o como um dos incentivadores da insurreição que ocorreu em 6 de janeiro de 2021. A sessão do Congresso norte-americano para certificar a vitória eleitoral do democrata Joe Biden foi interrompida menos de um minuto depois de Sparks ter invadido o edifício através de uma janela partida. Sparks, de 47 anos, juntou-se depois a outros manifestantes na perseguição de um polícia que subia lanços de escadas. Antes de conhecer a sentença, o norte-americano disse ao juiz que ainda acredita que a Eleição Presidencial de 2020 foi marcada por fraude e "completamente retirada do povo americano", noticiou a agência Associated Press. "Lamento que o que aconteceu naquele dia não tenha ajudado ninguém. Sinto remorsos pelo nosso país estar no estado em que se encontra", frisou.

Casa Branca pressionou Facebook, diz Zuckerberg

O CEO da Meta, Mark Zuckerberg, criticou a pressão da Administração norte-americana, liderada por Joe Biden, em 2021 para retirar conteúdos do Facebook sobre a covid-19 e disse que no futuro resistirá a tentativas similares, segundo uma carta enviada ao Congresso. Na missiva, o fundador do Facebook aborda controvérsias sobre a moderação de conteúdos nas suas redes, como a pressão exercida pela Administração Biden em 2021 para retirar algumas publicações sobre a pandemia. A Casa Branca "repetidamente pressionou as nossas equipas ao longo de meses para censurar alguns conteúdos sobre a covid-19, incluindo o humor e a sátira", escreveu Zuckerberg. "Acredito que a pressão do Governo foi má e lamento que não tenhamos sido mais francos em relação a isso", acrescentou. A Casa Branca defendeu as suas ações durante a pandemia. Nos EUA, a covid-19 provocou a morte de mais de um milhão de pessoas. "Ao enfrentar uma pandemia mortal, esta Administração incentivou ações responsáveis para proteger a saúde e a segurança públicas", disse um porta-voz de Joe Biden.

Conselho de Administração - Marco Galinha (Presidente), Kevin King Lun Ho, António Mendes Ferreira, Victor Santos Menezes, Vitor Coutinho, Diogo Queiroz de Andrade, Rui Costa Rodrigues, José Pedro Soeiro **Direção interina** Bruno Contreiras Mateus (Diretor), Leonídio Paulo Ferreira e Valentina Marcelino (Diretores Adjuntos) **Data Protection Officer** António Santos **Propriedade** Global Notícias Media Group, SA; Matriculada na Conservatória do Registo Comercial de Almada. Capital social: 9 309 016,95 euros. NIPC: 502535369. Proprietário e editor: Rua Gonçalo Cristóvão,195-219 – 4049-011 Porto. Tel.: 222 096 100. Fax: 222 096 200 Redação: Rua Tomás da Fonseca, Torre E, 3.º – 1600-209 Lisboa. Tel.: 213 187 500. Fax: 213 187 501 **Marketing e Comunicação** Carla Ascenção **Direção Comercial** Pedro Veiga Fernandes **Detentores de 5% ou mais do capital da empresa:** Páginas Civilizadas, Lda. – 41,51%, KNJ Global Holdings Limited – 29,35%, José Pedro Carvalho Reis Soeiro – 20,40%, Grandes Notícias, Lda. – 8,74% **Impressão** Gráfica Funchalense (Rua da Capela da Nossa Senhora da Conceição, 50, Morelena – 2715-029 Pero Pinheiro); Naveprinter (EN, 14 (km 7,05) – Lugar da Pinta, 4471-909 Maia) **Distribuição** VASP; Registado na ERC com o n.º 101326. **Depósito legal** 121 052/98 **Assinaturas** 219249999 Dias uteis das 8h às 18h E.mail: apoiocliente@dn.pt